



ELY MARTINS

Manhãs de Primavera

Livro III

COLEÇÃO AS QUATRO ESTAÇÕES





ELY MARTINS

Manhãs de Primavera

Livro III

COLEÇÃO AS QUATRO ESTAÇÕES

Manhãs de primavera

Livro III – Coleção As quatro estações

Ely Martins

Manhãs de primavera - Livro III
Coleção As quatro estações

∞∞∞∞

Copyright © 2018 Ely Martins
Revisão e diagramação: Constelarium
Design Capa: Constelarium Design
Ano de publicação: 2018
Literatura Brasileira
Romance
Drama

Todo o conteúdo é protegido pelas leis de direitos autorais. É proibido sua cópia, reprodução, utilização, modificação, venda, publicação, distribuição na sua totalidade ou em parte sem autorização prévia do autor.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados pelo autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas reais, vivas ou mortas é mera coincidência.

Manhãs de Primavera é o terceiro livro da Coleção As quatro estações

No livro I: Tardes de outono é a narrativa do Daniel.

No livro II: Noites de inverno, a narrativa é da Mel, que se inicia em um ponto um pouco antes do final do livro I. É necessária a leitura do livro anterior para entendimento do livro subsequente.

No livro III - Manhãs de primavera - Narrativa do Daniel retornando ao ponto em que encerrou o livro I.

No livro IV - Dias de verão - Narrativas alternadas entre Melanie e Daniel.

Sinopse



O coração batia acelerado e eu não conseguia segurar as lágrimas que escorriam livremente pelo meu rosto. Parado à alguns metros da casa, eu observava o jardim florido e colorido. Não sei explicar o que houve, mas parece que com a chegada da algo renasceu dentro de mim. Algo como... esperança.

Meu coração ainda apaixonado imaginou diversas situações. Ela me olhando ainda magoada e fechando a porta em minha cara. Ou ela se jogando em meus braços e dizendo que perdoava. Ou encontrando a casa vazia

indicando que ela se fora para sempre.

Mas em momento algum aquela imagem passou pela minha cabeça. Eu jamais poderia imaginar isso. Sentada no banco de madeira em meio às flores, onde tantas vezes namoramos, ela olhava para o horizonte enquanto acariciava seu ventre proeminente. Grávida. Lindamente grávida. E eu sequer sabia se ainda existia espaço para mim em sua vida.

Capítulo 1



Setembro/2008

Minhas pernas corriam o mais rápido que podiam, limitadas pela idade e também pelo cansaço do dia anterior quando resolvi dar uma faxina em casa. Apesar de já estar acostumada com o serviço doméstico pesado, o peso das preocupações diárias contribuía para um cansaço além do normal. Entretanto, bastou aquele telefonema para que uma força indescritível me impulsionasse. Eu seria usaria todas as minhas forças quando o assunto fosse

a razão da minha vida.

Desde a adolescência eu carregava um sonho, ou melhor dois, mas um era consequência do outro. Desde os quinze anos eu sonhava em um dia me casar com Nolan, o rapaz de vinte anos pelo qual estava perdidamente apaixonada. Eu sonhava em me casar com ele, cuidar dele e de nossa casa e consequentemente do filho que eu desejava ter com ele. Nem é preciso dizer que consegui realizar esse sonho, mas o caminho não foi fácil.

Nasci e cresci em uma família humilde, ao contrário de Nolan que não era rico, mas de família classe média com dinheiro suficiente para pagar uma boa faculdade e bancar o apartamento em que ele morava. Mas Nolan contrariou o sonho do pai que era vê-lo se formar em medicina. Como se não bastasse isso, ele se apaixonou por mim. Diante do ultimato do pai, Nolan não abaixou a cabeça e seguiu firme em seu curso, pois seu sonho era ser professor. Foi obrigado a se transferir para uma universidade pública e nos casamos quando completei dezoito anos.

Eu batalhei todos os dias ao seu lado para que nossa vida fosse um pouco confortável. Eu temia que ele se cansasse e me abandonasse. Mas Nolan era forte, decidido. Daniel nasceu doze anos após nosso casamento, quando minhas esperanças já eram quase nulas. Foi o meu melhor presente. Ele e Nolan eram o que eu tinha de mais valioso, o que eu mais amava.

E era em nome desse amor que eu corria desesperada, afastando as lágrimas dos meus olhos. Eu nem sabia exatamente o que estava acontecendo, mas juntar Daniel e hospital em uma mesma frase me deixou abalada. Eu vinha percebendo que meu filho não estava bem e isso se refletia em seu casamento com a doce Melaine. A prova disso foi a nossa discussão quando sugeri que ele precisava se cuidar um pouco. Em todos esses anos, Daniel nunca ergueu a voz para mim, nunca foi desrespeitoso comigo ou com o pai. Era mais uma prova de que ele não estava bem.

E com isso eu também não ficava bem. Que mãe consegue dormir, vendo seu filho no estado em que Daniel se encontrava? Eu me sentia perdida. Nolan estava em um dia de folga com amigos, incomunicável. Tentei falar com a Mel e não consegui, embora eu tivesse a certeza de que Daniel não ia querer isso. Infelizmente, e nem sei bem o motivo, eu acho que

o fim do casamento deles era algo inevitável. Bem que Nolan sempre disse que amor nem sempre é suficiente para manter uma relação. Porque Daniel sentia amor demais por aquela mulher. Eu conhecia muito bem o meu filho para afirmar isso.

O que ele sentia por Mel nem de longe podia ser comparado com aquela paixão pueril que ele sentiu por Anika. Era algo forte, verdadeiro.

Parei minha corrida, olhando de um lado para outro no corredor e avistei um rapaz com uniforme da construtora. Caminhei até ele, sentindo o suor escorrer pelas minhas costas, não por estar realmente quente, mas pelo meu esforço físico em chegar até o hospital onde Daniel estava.

—Por favor, onde está meu filho? Foi você quem me ligou? Sou a mãe dele.

—Sim, senhora. Meu nome é Tom e eu estava com ele quando tudo aconteceu.

—Conte-me exatamente o que houve. Ou melhor, eu preciso vê-lo. Ele está nesse quarto?

—Sim, senhora. Mas o médico está com ele e pediu para que eu aguardasse aqui até chegar algum familiar. Eu... eu não pretendia ir embora. Estava preocupado com ele.

—Obrigado por isso. Foi muita gentileza.

—Não foi nada. Ele é boa pessoa.

Falou parecendo um pouco encabulado. Coloquei a mão em seu ombro, quase suplicando por mais informações. Meu coração doía só de pensar que algo de ruim pudesse acontecer ao meu filho.

—Você pode me contar o que houve?

—Eu não sei exatamente. —Falou enquanto andava comigo até um dos bancos no corredor, onde nos sentamos. —Ele estava sentado parecendo meio doente. Ele já tinha reclamado de dor de cabeça.

—Daniel anda trabalhando demais.

—Sim, notei isso também. Eu me aproximei dele para perguntar alguma coisa sobre o trabalho e percebi que ele suava muito, estava ofegante e seu olhar parecia... vidrado, sei lá. Era como se ele não estivesse realmente ali. E então ele começou a chorar desesperadamente. Nossa... eu nunca tinha presenciado algo assim. Então um colega da equipe também percebeu algo errado e se aproximou, dando uns tapinhas de leve em seu rosto. Mas ele parecia realmente fora de órbita. Então ele se levantou, mas antes de dar alguns passos caiu desmaiado. Então o trouxemos para cá.

—Meu Deus! Oh meu filho... — Não consegui impedir minhas lágrimas. — O que será que está acontecendo? Há quanto tempo ele está nessa sala?

—Acho que quase uma hora. Mas senhora... isso não é tudo.

Eu levei minha mão ao peito ao notar a expressão no rosto do rapaz. Ele parecia realmente assustado e aquilo me preocupou mais do que eu já estava.

—Cristo! O que mais pode haver? Não me esconda nada, por favor.

—Estávamos chegando quando Daniel recobrou os sentidos. Ele...ele parecia possuído. Eu nunca tinha visto algo assim e nunca imaginei ver o Dan assim também. Ele é sempre tão calmo, disposto a ajudar todo mundo, alegre. Foi... foi horrível de presenciar.

—Mas o que você quer dizer com parecia possuído? O que ele fez?

—Ele começou a gritar que precisava falar com a esposa. Que ele não ia dar o divórcio... não ia aceitar, que a amava.

Eu arregalei meus olhos e novamente coloquei a mão no peito. Como imaginei, o casamento deles estava caminhando para o fim, mas no fundo eu tinha esperança de que eles conseguissem se entender. Mas divórcio? Ele disse que não queria o divórcio? Isso significava que Mel pediu o divórcio?

Isso não fazia sentido. Não era o tipo de atitude que ela tomaria.

—Ele estava incontrolável. Chutava as coisas, esmurrou a parede, empurrou as enfermeiras que tentavam ajudar e quase machucou uma delas. Precisaram de três enfermeiros para conseguirem contê-lo.

Eu não consegui segurar o choro e o pobre rapaz, meio desconcertado, passou o braço em volta do meu ombro na tentativa de me consolar. Mas nada me consolaria até eu ver meu filho e constatar que ele estava bem. Precisava falar com o médico e a espera me deixaria ainda mais angustiada.

—Acho que foi demais para ele, sabe? Todo mundo na obra sabe que ele é apaixonado pela esposa. —Ele riu parecendo se divertir. — Ele fala nela o tempo todo. Acho que o divórcio mexeu com a cabeça dele.

—Mas é isso que não entendo. Que divórcio? Minha nora é uma mulher incrível e eu tenho a certeza de que, se ela tivesse com planos de pedir o divórcio, ela teria nos comunicado. Ela nos chamaria para conversar e nos contaria seu lado na história. Faz parte dela agir dessa forma. Não entendo.

—Bom, eu não sei o...

Ele interrompeu a fala quando a porta do quarto foi aberta e por ela passou um homem moreno e muito alto usando um jaleco. Eu me levantei imediatamente e fui até ele.

—Como está o meu filho? Eu preciso vê-lo. Preciso saber o que está acontecendo.

—Calma, senhora. Nós vamos conversar. Eu sou o doutor Collins e cuidei do Daniel assim que ele chegou. No momento ele está sedado e não vai acordar por algumas horas, por isso acho que podemos conversar e vou lhe explicar tudo.

—Está bem. Desculpe meu descontrole, mas é que estou muito preocupada com ele.

—Claro. Perfeitamente compreensível.

—Eu já posso ir, doutor? É que... tenho que voltar para a obra, apesar de o senhor Mateschitz ter me libe-rado.

—Sim, você já pode ir.

Eu me aproximei de Tom novamente e segurei suas mãos.

—Muito obrigada por ter ajudado meu filho. Eu não vou me esquecer disso e pode ter a certeza de que Daniel também não.

—Não foi nada, senhora. Eu gosto muito do seu filho e espero que ele fique bem. Ele faz falta.

Assim que o rapaz se afastou, eu voltei para o mé-dico que aguardava com paciência.

—Eu não posso pelo menos vê-lo um pouco antes de conversarmos?

—Claro. Vamos entrar.

Ele abriu a porta e me cedeu passagem. Meu peito doeu ao ver meu filho, parecendo tão pálido naquela cama. Eu me aproximei cautelosamente, mesmo sabendo que ele não ia me ouvir. A expressão em seu rosto era de dor, como se mesmo dormindo, ele ainda a sentisse. Passei os dedos sobre a mão dele, percebendo que estava arranhada e inchada.

—O que houve?

—Provavelmente foi durante a queda, ou quando ele esmurrou as coisas na recepção.

—Daniel... o que está acontecendo com você, filho?

Eu me inclinei beijei carinhosamente sua testa, afastando seus cabelos. Havia um inchaço ali também e imaginei que deveria ser a queda, como disse o doutor.

—Ninguém tentou entrar em contato com a Mel?

—Ah sim... a ex-esposa? Tentamos no celular, na casa. Não conseguimos falar com ela.

—Que história é essa de ex esposa? Eles não estão separados.

O médico não pareceu surpreso, e apenas acenou com a cabeça.

—Entendo. Então acho melhor conversarmos o quanto antes para que a senhora possa conversar com sua nora.

—Está bem.

Deixei mais um beijo no rosto de Daniel e sai do quarto, seguindo com o médico até o outro corredor onde ficava a sala dele.

—Não se preocupe com seu filho, pois ele está sendo monitorado o tempo todo.

—Acredito, mas por favor, não faça rodeios. O que aconteceu? O que meu filho tem, doutor?

Ele cruzou as mãos sobre a mesa e me encarou. Eu apenas rezei silenciosamente para que nada de grave estivesse acontecendo com ele.

∞∞∞∞

Dizem que uma mãe suporta todas as dores do mundo por um filho. Eu não duvidava disso, mas a dor que eu sentia agora era tão forte que precisei pedir forças a Deus para conseguir me manter de pé. Mais do que nunca eu queria que Nolan voltasse logo para dividir com ele todas as minhas aflições.

Assim que sai do hospital fui direto para a Sweet. Juan se recusou a me dizer qualquer coisa e no fundo eu fiquei satisfeita por saber que minha nora podia contar com alguém tão leal. Eu também não entrei em detalhes sobre o que houve com Daniel, mas sabia que a notícia chegaria, por isso o fiz prometer que não contaria nada a Mel. Talvez fosse melhor assim. Os dois precisavam dar um tempo para acalmarem seus corações antes que fosse

tarde demais.

Peguei a chave de Daniel que me foi entregue junto com as outras coisas dele e fui até a casa, sem medo de parecer invasiva já que Mel não estaria lá. Eu parei em frente à bela casa amarela, me enchendo de orgulho de ver o que ele e Mel construíram juntos. Por mais que ela diga que Daniel ergueu tudo sozinho, eu me lembro muito bem das vezes em que passei aqui para trazer algum lanche e a via carregando materiais para o ajudar.

Suspirando de tristeza e resignação, eu entrei na casa, reparando que tudo parecia perfeitamente em ordem. Só me senti um pouco intrusa ao entrar no quarto deles, mas era preciso. E foi então que meu coração bateu mais rápido quando vi o envelope sobre a cama. Não podia ser o que eu estava pensando. Então era isso? Daniel recebeu os papéis de divórcio e por isso se descontrolou daquela maneira? Não... tinha algo de errado. Essa atitude não era da Mel que eu conhecia.

Eu me sentei na cama e com mãos trêmulas abri o envelope e retirei o papel, sentindo as lágrimas banharem meu rosto ao ler o que estava escrito ali.

Capítulo 2



Setembro/2008

Uma luz, senhor. Um conselho, um sinal... qualquer coisa que me desse forças para não desmoronar e ajudar meu filho. Porque diante de tudo o que o médico disse, eu sabia que o so-frimento de Daniel seria ainda maior. Eu realmente não sabia o que fazer em relação ao conteúdo do envelope, então fiz o que achava correto. Voltei ao hospital para falar com o doutor. Sabia que eu estava sendo invasiva demais e até desrespeitosa mostrando aquilo para ele, porém, eu precisava de uma opinião profissional. O quanto aquilo

seria prejudicial a Daniel?

Diante de sua resposta, eu voltei para casa e tomei um banho. Assim que Nolan chegasse, eu contaria tudo o que aconteceu e então voltaria para o hospital onde pretendia passar a noite ao lado do meu filho. Mas eu me sentia tão impotente, tão arrasada que me sentei na beirada da cama, já vestida, e coloquei o rosto entre as mãos, deixando meu pranto correr livre.

E foi dessa forma que Nolan me encontrou alguns minutos mais tarde. Eu não ouvi quando ele chegou e muito menos senti sua aproximação. Somente quando ele se sentou ao meu lado, segurando minhas mãos eu me dei conta de sua presença.

—Querida, o que houve? Por que está chorando?

—Ah Nolan... é o Daniel.

—Nosso filho! O que houve com ele? Está machucado? Doente? Meu Deus... o que houve de tão grave para você chorar desse jeito?

Daniel e Nolan estavam meio estremecidos desde o dia em que ele quase gritou comigo, me pedindo para não me meter em sua vida. Mas obviamente esse pequeno desentendimento não era o suficiente para que eles rompessem de vez. Eram pai e filho e se amavam.

—Ele... ele está no hospital.

—Mas... por que? O que houve?

Mesmo com o coração sangrando, o peito doendo de tristeza por Daniel, eu me obriguei a repetir palavra por palavra dita pelo médico.

Lembranças

Meu coração batia acelerado enquanto eu aguardava a fala do médico. Não estava gostando nada daquela pausa desnecessária.

—A senhora pode me dizer como está a vida do Daniel? Profissional,

sentimental... tudo o que souber?

—Tudo o que sei é que Daniel está trabalhando demais, além da conta. E... bem, ele e a esposa estão passando por um momento difícil.

—Entendi. Eu já tinha uma ideia do que estava acontecendo com ele desde o momento em que o atendi, mas depois de ler o que me mostrou, eu não tive mais nenhuma dúvida a respeito do diagnóstico.

—E o que ele tem?

—Eu vou dizer alguns, porque ainda não pude conversar com Daniel, mas ele tem vários sintomas de uma estafa.

—Oh meu Deus... eu notei mesmo que ele andava muito estressado.

—Sei. Porém, estafa e estresse são coisas diferentes. Ficamos estressados, por exemplo, com algumas situações, alguma coisa que nos agride, que provoque um desequilíbrio em nosso bem-estar. O estresse é nossa reação a isso. Mas a estafa é diferente. É um cansaço em excesso, eu diria até crônico que atinge o físico e psicológico. No caso do Daniel, eu me arrisco a dizer que atingiu muito mais o psicológico.

—Por causa do excesso de trabalho, não é?

—Provavelmente, além dos problemas no casamento. E posso dizer que pode haver alguma outra coisa... algo que ele não compartilha e que acabou o pressionando demais.

Eu pensei logo em Anika. Será que a volta dela o afetou? Eu estava enganada ao pensar que Daniel amava Mel tão intensamente que não havia lugar para outra mulher? Homens geralmente são tão complicados. Acredito que a maioria não consegue entender a si mesmo.

—E o resultado disso? O que eu vi, senhora Edgcomb, é que Daniel estava como uma panela de pressão, que quando explodiu acabou fazendo um estrago. Ele está com a pressão arterial alterada, apresentava um quadro de ansiedade muito forte, esgotamento nervoso. Provavelmente ele não estava

dormindo bem, sentia dores no corpo... e até mesmo inibição da libido, o que talvez tenha piorado ainda mais a crise conjugal.

—Coitado do meu filho!

Comecei a chorar, novamente me sentindo um fracasso, principalmente como mãe. Eu não fazia ideia de como ajudar meu filho. Envergonhada, eu aceitei o lenço de papel oferecido pelo doutor Collins.

—Ele teve um surto emocional e psicológico.

— O que?

Gritei assustada. Um surto? Até então eu mal conseguia acreditar que ele chegou mesmo a agredir pessoas quando chegou ao hospital

—Ele estava delirando quando chegou aqui. Não dizia coisa com coisa. Mas algumas coisas pareciam fazer algum sentido, tipo quando ele ficou gritando que amava a esposa e não daria o divórcio. Ele chamou por ela o tempo todo.

—Ah doutor... ele estava realmente acreditando que eles iam se divorciar? Será?

—Parecia que sim. Eu cheguei a pensar que ele recebeu os papeis do divórcio antes de sair para o trabalho, por exemplo. Mas agora sei que não e que todo esse desequilíbrio, esses delírios foram resultado da estafa.

—E como vamos trata-lo? O que é preciso ser feito para que ele se recupere logo?

—Relaxamento e meditação, momentos de lazer, uma conversa com um terapeuta, yoga. Geralmente esses são os tratamentos naturais que indicamos. Mas no caso do Daniel, por tudo o que vi... sugiro outro tipo de intervenção.

Eu engoli seco, e admito que estava com medo do que poderia ser, mas se fosse para o bem do meu filho, eu não hesitaria em aceitar. Daniel era minha vida. Foi muito desejado e esperado. Era meu maior tesouro. Eu faria

de tudo para ajudá-lo a se recuperar, para que então resolvesse sua vida com Mel e me dessem muitos netos.

Fim Lembranças

—Puxa vida, Natalie. Como deixamos as coisas chegarem a esse ponto? Por que não interferimos?

—Porque Daniel é adulto, casado, dono da própria vida. Não competia a nós resolvermos isso. Mas realmente... teríamos que ter tentado pelo menos conversar um pouco mais com ele.

—Meu Deus do céu, querida... como vamos poder ajudar? Mel não está aqui. —Falou segurando o envelope que mostrei a ele. —Ele deve estar louco para vê-la e... temo que ele piore. Só posso concordar com essa internação.

—Eu realmente nem sei como conversar com ele. Acho que vou pedir ao doutor para fazer isso.

—Bom, estou vendo que está indo para o hospital, não é? Irei com você.

—Eu pretendo dormir lá. Não vou deixar nosso filho sozinho.

—Sei disso e entendo. Mas irei com você pelo menos para ver como ele está. Sei que não poderemos ficar os dois com ele.

Eu inclinei a cabeça para o lado deitando no ombro de Nolan.

—Ele vai sofrer tanto.

—Sofrimento faz parte da vida, do crescimento amadurecimento. E ele voltará mais forte você vai ver.

—Espero que sim. Eles estavam tão felizes curtindo a casa nova.

Soluçou e girei minha cabeça, o rosto contra o tecido da camisa dele.

—Tudo na vida serve de aprendizado, querida. Nós sabemos disso muito bem. E sabe de uma coisa? Daniel aprendeu a ser forte com a Mel.

Pode até não parecer, mas aprendeu. Ele só precisa descobrir isso. Bom, eu vou tomar um banho rápido e iremos para lá, está bem?

—Sim. Vou terminar de arrumar algumas coisas.

Entretanto, eu continuei sentada na cama, mas dessa vez pensando em Mel. Eu só queria que ela ligasse, uma única ligação já me deixaria mais tranquila. Não precisava dizer aonde estava, só queria saber se ela estava bem. Eu não conseguia entender, não conseguia enxergar aqueles dois separados. Eles precisavam se entender.

Mas sei que esse afastamento de Mel por agora seria melhor. Pelo que doutor Collins disse, Daniel ainda ia acordar carregando as consequências daquela estafa. Estafa! Meu Deus! Tão grave a ponto de fazer com que ele tivesse um surto, chegando a delirar. Felizmente, como o próprio médico disse, ele com certeza não se lembraria de nada do que fez quando acordasse.

Quarenta minutos mais tarde, Nolan e eu estávamos ao lado da cama onde Daniel ainda dormia. Com cuidado, Nolan passou a mão nos cabelos dele e somente aquele gesto transmitiu todo o amor que ele sentia pelo filho.

—Fico me perguntando quando foi que tudo isso começou. Eles estavam bem! Daniel estava trabalhando muito, é verdade, assim como a Mel. Mas você lembra que eles passavam os finais de semana descansando, se divertindo? Parece que aconteceu tudo tão de repente que fica difícil de acreditar que essa estafa provocou tanto estrago.

Eu disse me apoiando em meu marido, passando meu braço pelo dele e deixando meus olhos fixos no rosto de Daniel. Seu semblante agora era um pouco mais sereno que anteriormente, o que me deixou aliviada.

—Você acha que pode ter alguma coisa a ver com a volta da Anika?

—Quero acreditar que não, mas às vezes penso que pode ser. Mas se for... que droga. Como ele pode ficar na dúvida entre as duas? Porque é isso que você está pensando, não é?

—Sim.

—Vontade de dar umas palmadas na bunda dele. Onde já se viu ficar dividido entre uma mulher maravi-lhosa e outra orgulhosa que o desprezou por dinheiro?

—Talvez... talvez as coisas não sejam exatamente como enxergamos, querida.

—O que quer dizer com isso?

—Joe, Stevie e eu estávamos jogando conversa fora enquanto assávamos os peixes que pescamos quando Joe falou sobre Ernest Ebner.

—Aquele homem odioso.

—E ele contou coisas que... eu nem imaginava. Acho que nenhum de nós poderia imaginar. E... — Ele parou de falar, olhando em meus olhos. — Talvez Anika não seja exatamente o que pensamos. Mas não vamos falar sobre isso aqui. Amanhã em casa conversaremos, está bem?

—Tudo bem.

Falei sem muita convicção de que alguma coisa do que ele dissesse poderia mudar a impressão que eu tinha a respeito daquela mulher.

∞∞∞∞

Eu dei um pulo assustada ao ouvir o grito. Estava deitada na cama que providenciaram para mim, após a visita do chefe de Daniel. Tinha a certeza de que ele era o responsável e me sentia grata por isso. Não sei se minha coluna suportaria uma noite naquela poltrona.

Corri até a cama, vendo Daniel se debatendo, os cabelos suados grudando em sua testa. Coloquei minha mão ali, afastando os fios úmidos.

—Mel? Mel, meu amor...

—Filho...

Mas ele pareceu não me ouvir e agarrou minha mão com força, ao mesmo tempo em que abria os olhos inundados por lágrimas que escorreram pelo seu rosto.

—Você é boba, Mel. Eu só quero você. Não me deixe.

Eu não sabia o que fazer. Será que Daniel estava delirando mais uma vez? Sem saber como agir, eu estiquei a mão e toquei a campainha.

—Eu vou te contar toda a verdade, amor, eu juro. Tenho vergonha, mas vou contar. Só fique comigo.

Ele apertou minha mão com tanta força que soltei um gemido. Nesse momento a porta foi aberta e por ela passaram duas enfermeiras.

—Eu acho que ele está delirando.

Falei imediatamente e então a mulher que vi se chamar Lizza se aproximou dele tocando seu rosto.

— Daniel? Está me ouvindo?

—Quem é você? Que lugar é esse? Eu preciso ir para casa.

As duas se entreolharam sem nada dizer. Daniel tentou se levantar, mas a enfermeira o impediu colocando a mão em seu peito.

Rapidamente a outra enfermeira se aproximou, Daniel se debateu na cama e tentou chutar. Eu me afastei, apavorada, trêmula... e chorando. Daniel gritava coisas, agora palavras grosseiras, até que a porta foi aberta novamente e um enfermeiro alto e forte entrou no quarto. Eu me virei para não ter que ver aquilo. Não queria ver Daniel sendo tratado como um louco, um desequilibrado. Mas naquele momento ele era exatamente isso.

Com agilidade, a enfermeira aplicou um sedativo nele e os três saíram após dizer que Daniel ia dormir mais um pouco novamente. Eu ainda fiquei um bom tempo parada, acariciando seu rosto, velando seu sono. Já amanhecia quando eu finalmente me deitei um pouco e tentei dormir. A cena se repetia em minha mente e eu só queria esquecer.

Às nove da manhã, eu finalmente cedi aos apelos do doutor Collins e fui com ele até a lanchonete do hospital. Não foi agradável levar um sermão, mas ele estava certo. Eu precisava me manter forte para ajudar meu filho e ficar sem me alimentar não ia ajudar em nada.

— Soube que presenciou uma crise do Daniel.

—Sim. Até quando isso vai durar, doutor?

—Ele ainda estava um pouco cansado mentalmente. Mas duvido que isso vá se repetir. Aliás, pelo que me contaram, acredito que foi um pesadelo e não um delírio. Ele apenas ficou desorientado ao acordar. Eu estarei com ele o tempo todo pela manhã, então eu a aconselho a ir para casa, resolver qualquer coisa que precise e volte depois do almoço para vê-lo.

— O doutor fala com tanta certeza. Já viu casos assim?

—Tenho quase trinta anos de profissão e já vi muito casos assim, realmente. Alguns até bem piores. Fique tranquila e confie no que estou dizendo.

Eu tentei confiar, tanto que obedeci e fui para casa. Nolan estava na cozinha, já começando a preparar coisas para o almoço.

—Bom dia querido.

—Oi bom dia. Eu já ia começar o almoço. Quis fazer mais cedo para levar para você.

—É, mas o doutor Collins me convenceu a vir, já que ele ficaria a parte da manhã na companhia de Daniel e eu não ia poder ficar por perto.

— E como ele está?

Eu puxei a cadeira e me sentei, apoiando a cabeça em uma das mãos.

—Teve uma crise pouco depois da meia noite. Mas o médico garantiu que não se repetiria e que talvez fosse apenas um pesadelo.

—Como ele pode afirmar com tanta certeza?

—Não sei, mas confiei nele.

Nolan se sentou à minha frente e segurou minhas mãos. Ficamos nos fitando em silêncio, como já era costume entre nós. Muitas vezes dividíamos nossa tristeza sem precisar de palavras. Depois de um longo silêncio ele levou minha mão aos lábios.

—Vai dar tudo certo, querida.

Eu acreditava que sim, mas no momento outra coisa veio à minha mente.

—O que soube a respeito de Anika? Pode me contar agora?

Ele afirmou e suspirou, antes de começar a contar aquela história que eu não ia imaginar nem em meus sonhos.

∞∞∞∞

Eu andava apressada pelo corredor, querendo ver meu filho pois soube pela enfermeira Lizza que ele estava acordado e sem crises. Ainda não sabia se o médico tinha conversado com ele a respeito de uns dias em uma casa de repouso, e confesso, tinha medo da reação dele quando ouvisse essa proposta.

Girei à esquerda no corredor vazio e fui até o quarto de Daniel, porém, parei com a mão na maçaneta ao ouvir vozes. Uma voz era de Daniel e a outra era femi-nina. Eu não soube de quem era até que o ouvi o nome na voz de Daniel. Anika. Permaneci do lado de fora, sem saber o que fazer, principalmente porque o tom na voz de Daniel era algo que nunca ouvi na vida.

—Eu disse que queria reconquistar você no primeiro dia em que nos reencontramos.

—E eu disse alguma coisa? Anda Anika, responda. Eu disse alguma

coisa?

—N...não.

Ele deu uma risada tão fria que senti meu corpo arrepiar.

—E você achou que quem cala consente? Eu me calei porque eu não estava nem aí para o que você sentia ou queria. Você foi burra a ponto de pensar isso?

—Pare de falar assim comigo! Você disse que seu casamento estava mal, que eu poderia tentar!

—Eu menti!

Ele berrou com tanta fúria que cheguei a girar a maçaneta para entrar no quarto. O que estava acontecendo afinal de contas?

—Eu nunca quis voltar para você. Nunca quis reviver nada. Sabe por que? Porque eu amo a Mel. Amo. Eu jamais me divorciaria dela para ficar com você ou com qualquer outra mulher!

—Desgraçado! Por que, Daniel? Por que me machucar assim? Eu acreditei que você daria uma chance para nós dois, mas você estava só brincando! O que é, por que fez isso? Oh...

Ela arfou e Daniel riu novamente. Diabolicamente. Meu Deus... aquele não era meu filho. Não poderia ser.

—Você queria se vingar de mim!

—Sim!

Eu levei minha mão a boca, horrorizada com aquela conversa.

—Eu não senti nada ao ver você novamente, Anika. Nada. E eu já disse o motivo. Amo a minha esposa. E eu estava disposto a passar esse projeto para outro e nunca mais ter que olhar para o canalha do seu pai. Se você queria me reconquistar, pouco me importava, porque eu sabia que você nunca

conseguiria. Mulher nenhuma jamais conseguirá ocupar o espaço que é só da minha esposa. Mas aí eu ouvi sua conversinha nojenta com seu querido papaizinho. Tentar me reconquistar porque eu estava muito bem de vida e você já estava bastante usada, mas como foi que você disse? Ah sim... que seria difícil se fingir de apaixonada por mim novamente! Era difícil gostar mesmo em fingimento, de alguém tão chato, um apaixonado idiota e meloso... um pobretão que nem todo ouro transformaria em um homem decente!

Ele gritava cada palavra... e eu chorava. Lembrava do que Nolan me contou e agora ouvia as acusações de Daniel. As duas histórias se misturavam em minha cabeça e eu não entendia mais nada.

—Não. Não era para você ter ouvido. Você entendeu tudo errado, Daniel. Eu... precisei dizer aquilo, mas nunca foi verdade. Eu sempre amei... eu amo você. Você está acabando comigo, destroçando meu coração. Você... você não sente nada por mim?

A resposta veio rápida, firme.

— Não! Meu coração, meu amor é todo da Mel.

Eu abri a porta naquele instante e...Jesus... eu nunca tinha visto aquele olhar de ódio em meu filho. Ele estava de pé ao lado da cama e Anika encostada na parede, aos prantos como se estivesse encurralada.

—Daniel!

—Mãe!

Ele saltou sobre a cama e se jogou nos meus braços feito um bebê. E Anika, ainda olhando para ele começou a se afastar em direção à porta, porém antes de sair, ao ver que Daniel sequer olhava em sua direção, ela falou quase inaudível.

—No que foi que eu transformei você, Daniel?

Capítulo 3



Setembro/2008

Minhas pálpebras pesavam, assim como meu corpo que se recusava a se mover. Mas eu precisava me levantar porque aquele não era o cheiro que eu queria. Ali não havia aquele calor tão conhecido por mim que era o do corpo da minha esposa ao meu lado. Mel.

—Mel...

Eu ouvi minha própria voz, embora rouca e um pouco fraca. No

mesmo instante eu senti uma mão macia segurar a minha, mas estranhamente meu corpo não reagiu da mesma forma de sempre, o que o me fez ter a certeza de que não era a mão de Mel. Que eu não estava em casa já era uma quase certeza, mas então aonde eu estava?

—Daniel... meu amor... está acordado?

Aquela voz... aonde ouvi essa voz? Tentei forçar minha mente ao mesmo tempo em que forçava meus olhos mais uma vez e então eu consegui. Meus olhos foram imediatamente para o teto branco nada parecido com o do meu quarto. Girei a cabeça para o lado na intenção de ver quem segurava minha mão... e arregalei os olhos, o choque me fazendo ofegar.

—Que bom que acordou. Eu estava tão preocupada!

Quando minha mente registrou tudo, eu soltei minha mão com brusquidão e imediatamente me sentei na cama olhando para os lados. Isso é um hospital! Baixei meus olhos reparando em mim mesmo e abrindo minha boca, novamente chocada. O que eu estava fazendo com aquelas vestes como se estivesse doente? Senti o toque em meu braço e meus pelos se arrepiaram em repulsa. Olhei novamente para o rosto daquela mulher e senti a fúria me dominar.

—Nunca mais me toque. Eu já disse que não quero que me toque.

—Mas Daniel...

Eu saltei da cama, olhando ao redor sem entender coisa nenhuma. O que aconteceu comigo para que eu fosse parar ali?

—O que diabos você está fazendo aqui? O que eu estou fazendo aqui?

—Não se lembra? Você estava na obra e de repente desmaiou.

—O que?

—Eu não sei muito bem porque eu não estava lá no momento.

—Meu Deus...

Passei a mão no cabelo, cada vez mais desnorteado. Eu passei mal no trabalho e vim parar em um hospital. E por que era Anika à minha frente e não Mel?

—O que você está fazendo aqui? Como a Mel permitiu que você entrasse? Inferno.

Fui ate um armário procurando por minhas roupas. Eu me lembro de estar com muita dor de cabeça depois de ter decidido abandonar o projeto e correr para Mel, me abrindo para ela e contando toda a verdade. Mas...eu estava aqui nesse hospital! Encontrei minha roupa dobrada dentro do armário e a peguei, mas parando em seguida e me virando para Anika.

—Ainda não me respondeu o que está fazendo aqui! Quem foi que deixou você entrar?

—Ninguém me viu entrar, mas eu estava preocupada, amor.

—Amor? Amor? Pare de me chamar assim, sua desgraçada. Você não deveria estar aqui. Esse lugar é da Mel, portanto saia.

Ela empalideceu, mas não me importei. Só queria sair dessa merda de lugar e correr atrás da minha esposa, e implorar o perdão por eu ser tão estúpido. Mais do que estúpido, eu me sentia imundo, fraco e asqueroso por ter alimentado aquele sentimento dentro de mim por tanto tempo.

—Mas..., mas você me quer, Daniel.

—Quero?

Falei cinicamente erguendo a sobrancelha.

—Eu disse que queria reconquistar você no primeiro dia em que nos reencontramos.

Agora era a hora de colocar as cartas na mesa. Apesar de estar me sentindo o pior dos homens, eu deixei que aquele sentimento que me dominou durante todos esses meses viesse à tona. Eu queria machucar, queria ferir. Vingança. Era isso que me moveu esse tempo todo.

—E eu disse alguma coisa? Anda Anika, responda. Eu disse alguma coisa?

—N...não.

Dei uma risada fria, amarga e me aproximei um pouco dela, olhando em seus olhos. Como ela poderia pensar que mexia comigo de alguma forma?

—E você achou que quem cala consente? Eu me calei porque eu não estava nem aí para o que você sentia ou queria. Você foi burra a ponto de pensar isso?

—Pare de falar assim comigo! Você disse que seu casamento estava mal, que eu poderia tentar!

—Eu menti!

Eu gritei com fúria. Meu casamento era a coisa mais maravilhosa que aconteceu na minha vida e eu nunca, jamais ia me arrepender de qualquer momento ao lado de Mel. Eu só ia me arrepender por ter me deixado levar por um sentimento tão sujo, tão vil. E era por isso que eu precisava correr daqui, me jogar aos pés da minha esposa e pedir que me perdoasse por ser alguém tão falho, que não tinha um coração tão nobre quanto o dela.

—Eu nunca quis voltar para você. Nunca quis reviver nada. Sabe por que? Porque eu amo a Mel. Amo. Eu jamais me divorciaria dela para ficar com você ou com qualquer outra mulher!

—Desgraçado! Por que, Daniel? Por que me machucar assim? Eu acreditei que você daria uma chance para nós dois, mas você estava só brincando! O que é, por que fez isso? Oh...

Ela ofegou e não consegui segurar nova risada fria. Bom, pelo menos burra ela não era, já que a descoberta da verdade estava explícita em seus olhos.

—Você queria se vingar de mim!

—Sim!

Eu gritei novamente, sentindo a satisfação se espalhar pelo meu corpo. E agora eu diria a verdade palavra por palavra. Confesso que uma ou duas vezes eu cheguei a pensar em como seria se um dia eu a reencontrasse novamente. Tinha certeza do meu amor por Mel. Essa era a verdade absoluta em minha vida, mas senti medo de sentir algo quando visse Anika. E eu realmente senti. Indiferença.

—Eu não senti nada ao ver você novamente, Anika. Nada. E eu já disse o motivo. Amo a minha esposa. E eu estava disposto a passar esse projeto para outro e nunca mais ter que olhar para o canalha do seu pai. Se você queria me reconquistar, pouco me importava, porque eu sabia que você nunca conseguiria. Mulher nenhuma jamais conseguirá ocupar o espaço que é só da minha esposa. Mas aí eu ouvi sua conversinha nojenta com seu querido papaizinho.

Eu fechei meus olhos brevemente me lembrando daquela conversa. Mas em seguida abri novamente e tenho a certeza que o passo que Anika deu para trás foi de medo.

—Tentar me reconquistar porque eu estava muito bem de vida e você já estava bastante usada, mas como foi que você disse? Ah sim... que seria difícil se fingir de apaixonada por mim novamente! Era difícil gostar mesmo em fingimento, de alguém tão chato, um apaixonado idiota e meloso... um pobretão que nem todo ouro transformaria em um homem decente!

Eu gritei cada palavra para que talvez isso pudesse exorcizar todo o ódio que eu sentia sempre que me lembrava disso. Eu não sentia mais nada por Anika... absolutamente nada. E não era surpresa já que meu coração estava totalmente tomado por Mel. Minha mente era inundada por todos os momentos maravilhosos que vivi ao lado dela. Por isso quando Anika veio com aquela conversa de me reconquistar, eu apenas me calei. Não valia a pena. Eu esperava que ela visse como eu amava Mel e como estávamos felizes. Talvez assim ela desistisse.

E como eu não queria magoar Mel, eu resolvi deixar o projeto e ficar longe de Anika e de Ernest. Mas então eu ouvi a conversa e tudo mudou. Eu

quis me vingar daquele velho desgraçado que tantas vezes me humilhou. E principalmente eu quis me vingar de Anika por ela ter a audácia de querer me enganar mais uma vez. Porque naquele momento ficou bem claro para mim que ela nunca sentiu nada, exceto as coisas que disse durante aquela maldita conversa.

Ela me encarou chocada, os lábios trêmulos como se estivesse realmente sofrendo. Mas agora eu conhecia muito bem as artimanhas daqueles dois inescrupulosos.

—Não. Não era para você ter ouvido. Você entendeu tudo errado, Daniel. Eu... precisei dizer aquilo, mas nunca foi verdade. Eu sempre amei... eu amo você. Você está acabando comigo, destruindo meu coração. Você... você não sente nada por mim?

Eu não procrastinei ao responder. Porque era a mais pura verdade. Nem mesmo raiva eu conseguia sentir por ela. Apenas indiferença. Era como se ela nunca tivesse existido. Dei mais um passo e Anika se afastou, deixando as costas contra a parede como se estivesse apavorada.

— Não! Meu coração, meu amor é todo da Mel.

Nesse momento eu senti meu peito inchar e meu coração bater freneticamente. Droga! Se Mel não estava aqui então era porque estava realmente furiosa comigo. Como se um instalo acendesse minha mente, de repente eu me lembrei de quando fizemos amor pela última vez. Eu chorei junto com ela. Eu, de decepção comigo mesmo por fazê-la sofrer. Mas ela.... ela...

Fechei os olhos com força e a dor que senti foi tão forte que levei minha mão ao peito. Ela me olhava como.... como se estivesse se despedindo de mim. Deus! Não! Que aquilo fosse apenas uma paranoia da minha cabeça. Senti meus olhos ardendo e meu coração batendo ainda mais acelerado, tão forte que ofeguei sem ar. Antes que eu pudesse reagir diante dessa nova informação a porta foi aberta.

—Daniel!

Eu girei a cabeça e vi minha mãe.

—Mãe!

Sem pensar, saltei sobre a cama e me joguei nos braços dela, me sentindo mais infeliz do que jamais es-tive. A possibilidade de eu estar certo aumentava e me deixava atordoado. Tão atordoado que não reparei que Anika tinha caminhado para a saída até que ouvi suas palavras.

—No que foi que eu transformei você, Daniel?

Eu ergui a cabeça, mas ela já tinha saído pela porta. Então voltei meus olhos para minha mãe.

—O que eu estou fazendo aqui, mãe? Onde está a Mel? Estou com um pressentimento terrível.

—Você não se lembra de nada, meu filho?

—Nada o que? Do que eu deveria me lembrar?

—Você... você passou mal, meu filho. E precisou ser trazido para cá.

—Sim, mas onde está a Mel?

—Filho...

O pesar na expressão de seu rosto era tão intenso que as lágrimas desceram sem controle pelo meu rosto e quando tentei falar, tudo o que ouvi foi meu soluço.

—Sente-se aqui, querido. Eu vou chamar o médico.

—Não. —Eu agarrei o braço dela, sem perceber que poderia machucar.
—Diga-me... onde está a Mel?

Ela me ignorou e se aproximou da campainha, apertando o botão.

—Ela me deixou, não é? Por isso não quer falar. Por isso está

chamando o médico. —Eu agarrei meus próprios cabelos, andando pelo quarto em desespero. —Ela não pode me deixar, não pode. Eu não vivo sem ela, mãe. Eu errei... errei...

—Tudo... tudo o que disse à Anika era verdade? Seu casamento não estava em perigo com a volta dela?

Neguei balançando a cabeça, sentindo mais lágrimas molhando meu rosto e a roupa ridícula.

—O único perigo para o meu casamento sou eu, mãe. Eu contaminei meu casamento com omissões, com dor, com mágoa. Eu... meu Deus... eu deixei que meu sentimento de vingança rondasse minha casa... minha casa. O lugar que prometi levar somente alegria para Mel.

Eu me agarrei novamente aos meus cabelos e nesse momento a porta foi aberta. Por ela entrou um homem alto que me olhava seriamente. Em seu jaleco constava o nome Collins.

—Então meu paciente acordou.

—Eu prefiro acreditar que estou em um pesadelo.

—Se você quiser se trocar... assim poderemos conversar.

—Primeiro eu preciso saber da minha esposa. Por que ela não está aqui? Por que, mãe? Por que não me fala nada?

Eu vi a troca de olhares entre minha mãe e o médico e então ele fez um movimento sutil com a cabeça. Suspirando, minha mãe abriu a bolsa e tirou um envelope que estendeu em minha direção. Minhas mãos tremiam tanto que na primeira tentativa que fiz de pegar o envelope, eu o deixei cair. Rapidamente o doutor Collins o pegou e me entregou, me orientando a me sentar.

Impaciente, eu abri o envelope ainda de pé e retirei a folha, onde estava a caligrafia de Mel.

Daniel, meu amor. Eterno. Sempre, sempre... meu amor.

Eu não tive coragem ou condições de falar tudo isso pessoalmente. Meu amor por você é tão grande que fatalmente eu me jogaria em seus braços buscando uma forma de nunca deixar você partir. Mas você já estava partindo, Daniel. Mesmo sem perceber, você estava. E doeu... doeu muito. Não quero que pense que sinto raiva de você, porque não sinto. Tudo o que consigo sentir é amor. E admito, um pouco de tristeza por ver que você passou por cima de uma das melhores coisas que criamos juntos: nosso companheirismo. Você deixou de ser meu companheiro quando omitiu, escondeu coisas que acho que são importantes, tanto que é o que nos afasta. Eu realmente não sei quais são seus sentimentos em relação à sua ex-namorada. Minha única certeza é de seu amor por mim. Disso, meu querido, eu jamais vou duvidar. Mas algo renasceu em você com a chegada dela e eu me sinto perdida. É algo forte, tão forte que te impede de olhar em meus olhos. E desse jeito eu não consigo seguir, Daniel.

Eu solucei, passando as costas da mão no rosto, tentando secar as lágrimas, mas era inútil, pois elas voltavam cada vez mais intensas. Cada palavra lida era uma facada em meu peito. Mas sei que essas facadas não doíam tanto quanto a dor que causei em Mel.

Sei que muitos vão me chamar de tola, de fraca, de corna conformada e mais tantos outros adjetivos que pessoas amargas costumam usar quando não sabem o real significado da palavra amor. Eu amo você... e me amo também. E nesse momento em que vejo você tão indeciso, meu amor por mim fala mais alto. Eu me recuso a sofrer por quem quer que seja,

ainda que já esteja sofrendo. Eu estou me resguardando, me prevenindo para o que virá. O que quero dizer com isso é que estou me afastando para que você possa ter a chance de olhar para dentro de si mesmo e descobrir o que realmente quer, o que realmente ama. Se for ela a escolhida, eu só posso torcer pela sua felicidade. Porque apesar de tudo eu jamais desejaria o mal para alguém que me fez tão feliz nesses sete anos. Isso não é um adeus, não é um pedido de divórcio... nada disso. Eu estou te dando um tempo para ouvir seu coração. E eu volto para termos uma conversa definitiva, porque uma história como a nossa não pode terminar em um simples pedaço de papel. Cuide-se, meu amor. E esteja ciente de sua escolha quando eu voltar. Apesar de todas as probabilidades serem contra, eu ainda tenho a esperança de ser a sua escolhida, porque você será sempre o meu.

Com amor,

Mel

Eu não percebi que chorava tão alto, mas percebi quando um grito angustiado escapou de minha boca e meu corpo cedeu. Eu cai de joelhos com a carta em meu peito, sentindo a dor como se várias flechas atravessassem meu corpo. Agora, não era apenas a vergonha por ter sido um homem frio, vingativo. Era vergonha e nojo por ter magoado a única pessoa que nunca mereceu. A dor em meu peito era forte, muito forte..., mas eu sabia que era merecida.

Capítulo 4



Setembro/2008

O que resta depois da dor? O vazio. A culpa, mas principalmente a compreensão de que tudo o que eu estava sentindo e tudo que viria a sofrer era apenas consequência dos meus atos. Eu era o único culpado. Não importa se consciente ou inconscientemente, mas o fato é que fiz minhas escolhas erradas. E agora teria que pagar por isso.

Eu tive a oportunidade de voltar atrás e deixar tudo como se nada

tivesse acontecido, mas eu escolhi seguir em frente. Eu escolhi me vingar da família que tanto me humilhou. E eu não percebi que estava me igualando a eles.

No final das contas eu não ganhei nada com isso. Eu sequer consegui sentir satisfação ao jogar na cara de Anika que eu não sentia absolutamente nada por ela. Depois de toda confusão criada por mim... eu fui o perdedor. O sentimento de derrota e culpa me corroíam... e eu não sabia por onde começar para juntar todos os cacos. Aliás, eu não acredito que possa juntar e colar os cacos. Eu precisava de algo novo. Um novo Daniel que fosse digno da mulher incrível que eu tenho... ou tinha.

A carta ainda estava em minha mão e eu me agarrava às palavras ali escritas para não surtar de vez. Eu permanecia de cabeça baixa, o olhar fixo no chão e embora meus pensamentos estivessem a todo vapor, eu conseguia entender uma ou outra explicação dada pelo médico. Excesso de trabalho, de preocupação e algo que nenhum deles sabia: a persistência em querer me vingar dos Ebner, mas não deixando que Mel percebesse pois ela fatalmente conseguiria me convencer a desistir. Tudo isso agiu como uma bomba relógio dentro de mim e explodiu, provocando uma crise.

Eu não me lembrava de nada do que aconteceu, mas as coisas que o médico me contou me deixaram arrepiado. Eu não me via capaz de machucar uma mulher fisicamente como ele disse que fiz com uma enfermeira. E eu teria que descobrir quem era para me desculpar com ela.

—Filho? Está ouvindo?

Senti a mão de minha mãe em meu ombro, então ergui a cabeça.

—Desculpe. O que disse, doutor?

—Eu quero saber se você entendeu tudo o que eu disse, Daniel.

—Sim. Tudo o que eu estava sentindo... a insônia, o cansaço, problemas digestivos e... e...

—Diminuição da libido sexual. Tudo isso eram sintomas de uma

estafa. Você tinha que ter parado quando surgiram os primeiros sinais. Mas você continuou, os problemas foram se acumulando e uma hora tudo explodiu.

Eu encarei o médico, e confesso que ainda estava um pouco confuso com aquela enxurrada de informações.

—Mas pelas coisas que vocês me contaram que eu fiz e disse... eu estava praticamente delirando.

—Sim. Uma estafa mental pode causar sérios danos. Surto emocional e psicológicos como os que você teve é só um desses danos. Pode causar perda de memória, oscilações de humor, pânico. Isso sem falar em doenças orgânicas e físicas como as que eu já disse.

—Entendi.

Foi tudo o que eu disse porque não sabia o que fazer com todas essas informações. Aliás, eu não sabia o que fazer daqui para frente. Tentava sinceramente colocar minha cabeça no lugar e buscar um ponto para recomeçar..., mas estava tudo vazio e sombrio. Eu me asseme-lhava muito a um ser irracional nesse momento.

—Olhe, Daniel, sei que é difícil ouvir isso tudo agora, principalmente por estar tão fragilizado pelas últimas notícias, mas me permita um conselho. Você precisa se curar. O fato de não ter tido mais nenhum surto não significa que esteja curado dessa estafa. Você precisa de um tempo para si mesmo.

—O que eu tenho que fazer?

Minha mãe segurou minha mão com força, porque provavelmente já sabia o que seria dito e eu, com certeza não ia gostar de ouvir.

—Você precisa aprender a relaxar corpo e mente para reestabelecer o seu equilíbrio. Momentos de lazer e descanso, uma boa conversa com um terapeuta e existem até remédios naturais que podem auxiliar. Mas por tudo o que estou vendo... eu indicaria uma clínica de repouso.

Eu ofeguei, os olhos arregalados, mas esperei que ele continuasse.

—Vai ser bom para você. Posso te indicar uma clínica excelente, onde você vai trabalhar todos os aspectos que precisa para ficar principalmente com sua mente sã. Essa é só uma sugestão, mas se você achar que não...

—Eu vou. —Eu o interrompi e percebi que peguei a ambos de surpresa. —Eu aceito sua indicação. Vou procurar a tal clínica de repouso.

—Ótimo Daniel. Estou surpreso, mas muito feliz por você ter aceitado. Eu lhe darei alta hoje e espero que procure a clínica o mais rápido possível.

O que eu poderia fazer? Apesar de todos os erros cometidos, eu não era uma criança birrenta. Eu entendi o diagnóstico médico e não havia nada a ser feito a não ser aceitar que eu não estava realmente bem e precisava me curar. Por mim. Por Mel, por nosso casamento... por nosso amor.

∞∞∞∞

Era uma mistura de vergonha e alívio ser recebido pelos braços do meu pai em nossa casa. Justo eu que fui tão grosseiro, tão estúpido com os dois nos últimos dias, era agora recebido como se eu nunca tivesse cometido um erro na vida.

—Estou feliz que esteja de volta, filho. Espero que esteja bem.

As lágrimas que eu vinha acumulando desde minha conversa com o médico finalmente foram libertadas e eu me vi novamente sendo abraçado por meu pai.

—Perdão, pai. Por todas as besteiras que cometi... por ter envergonhado vocês com minhas atitudes.

—Apesar de estar doente, você cometeu sim muitos erros, meu filho. Mas quem não os comete? —Ele se afastou e segurou minha cabeça, olhando em meus olhos com um pouco de severidade. —Você sempre foi trabalhador, honesto, íntegro, leal. Mas você não é santo, Daniel. Você comete erros e

apesar de tudo pelo que está passando, não vai impedir que cometa outros erros. Não tão graves, é verdade, mas vai cometer porque você é um ser humano. Por mais que busque a perfeição, você nunca vai conseguir. Ninguém consegue.

—Eu sei, mas...

Dessa vez ele me segurou, colocando as duas mãos em meus ombros.

—Vá se cuidar, Daniel. Aproveite que a Mel também está se cuidando e tire esse tempo para você. Volte a ficar inteiro para que então você possa se desculpar com quem realmente precisa disso.

—Eu vou. Vou procurar a clínica que me foi indicada.

—Sim, mas hoje você ainda fica aqui, querido. Amanhã vamos com você até a clínica, está bem? Hoje eu quero você aqui.

Eu sorri e puxei minha mãe para meus braços. Ali estava um dos meus suportes para me reerguer. Porque por mais que minha cura dependesse de mim, eu sei que a compreensão deles seria muito importante nesse processo.

Algumas horas depois, deitado em minha antiga cama, eu permanecia com os olhos fixos no teto. Eu queria saber como Mel estava, se estava bem, mas minha mãe me garantiu que não tinha notícias dela. E aquilo me preocupou tanto que resolvi ligar para ela. Peguei meu celular, estranhando o fato de ter tantas ligações para ela desde o dia que fui para o hospital. Eu realmente não me lembrava de ter feito aquelas ligações. Mas como eu poderia? Eu não me lembrava de absolutamente nada do que fiz, vi ou senti durante o surto que me deixou hospitalizado.

E talvez fosse melhor assim. Se eu disse mesmo que Mel pediu o divórcio, eu não queria pensar na dor. O fato de imaginar minha vida sem minha mulher me lançava num abismo profundo e escuro, de onde eu não via saída. Eu não conseguia imaginar minha vida sem ela. Mas ela estava certa em querer se afastar agora. Eu era nocivo. Pelo menos nesse momento. Mesmo assim eu liguei, imaginando que ela nem ao menos ia me atender. Mas a ligação foi direto para a caixa postal, então não insisti. Ela merecia

uma pausa... um distanciamento de mim e de toda a mágoa que causei.

—Filho? —Minha mãe abriu a porta depois de bater. — Venha comer um pouco.

—Estou sem fome, mãe.

—Daniel você não pode ficar sem se alimentar. Precisa estar forte, esqueceu? Coma nem que seja algo leve.

Eu sorri acariciando a mão dela que estava em meu cabelo.

—Está bem, mãe. Dê-me apenas alguns minutos e já estarei lá

—Tudo bem.

Assim que ela saiu, eu me levantei e fui até a janela, observando a paisagem sem muita emoção. Eu teria uma longa batalha pela frente, principalmente tentando controlar minha ansiedade em querer avançar o tempo. Eu ainda nem tinha começado a me tratar e já queria estar pronto para ver minha esposa de novo. Fechei meus olhos, encostando a testa no vidro da janela.

—Como você está, meu amor? Queria que estivesse aqui comigo.

Suspirei e me afastei da janela, vendo a mala que minha mãe trouxe de casa. Sei o que ela pretendia com isso, mas eu precisava ir ao Império pelo menos uma vez antes de procurar a clínica. Ali, eu me sentiria pelo menos um pouco mais perto dela.

Parei em frente ao espelho e me encarei. Mas eu não via minha aparência, isso não me importava. Eu tentei fazer uma viagem para dentro de mim, mas eu mal comecei e já não gostei do que vi. A verdade é que eu sentia vergonha de mim. Vergonha do que me tornei. Sei que sou humano e por isso errava muitas vezes. Mas eu não conseguia entender como alguém que vivia em um lar com tanto amor, lealdade e devoção pode carregar dentro de si um sentimento tão monstruoso quanto o ódio e vingança. Eu me sentia podre por dentro.

Olhei novamente para minha mala sentindo vontade de pegá-la e voltar para minha casa e lá ficar à espera até Mel decidir voltar. Não... eu não devia fazer isso. Eu me sentia imundo, carregado de sentimentos sombrios e eu não queria mais aquilo em nossa casa.

Sai do quarto antes que minha mãe se aborrecesse de verdade comigo. E eu não queria de forma nenhuma que isso acontecesse. Chega de magoar as pessoas que eu amo. Minha intenção era seguir para a cozinha, mas ao passar pela sala eu ouvi a voz de minha mãe e parei subitamente.

—Está tudo bem por aqui, filha. Daniel vai ficar bem.

Meu coração disparou e meu corpo estremeceu com tanta força que apoiei minhas mãos no sofá. Era Mel... só podia ser.

—Foi modo de dizer. Obrigada por perguntar. Ele está sendo bem cuidado.

Eu ofeguei, mas não alto o suficiente para interromper minha mãe, e meu choro emocionado saiu sem controle. Depois de todas as mágoas que causei, todo o sofrimento que infligi a ela, Mel ainda se preocupava comigo.

—Fique tranquila, ok? Va se distrair um pouco e não se esqueça de que nós amamos você.

Foi impossível segurar meu soluço, o que atraiu a atenção da minha mãe. A dor que eu sentia agora era provavelmente a pior que já senti em minha vida. Não era simplesmente a dor da saudade. Era também a dor da culpa e de saber que, pelo menos nesse momento, eu não merecia essa mulher.

—Meu filho... — Minha mãe correu até mim depois de desligar o telefone e passou os braços à minha volta. —Eu não queria que você tivesse ouvido.

Eu balancei a cabeça, incapaz de falar alguma coisa. Fechei meus olhos com força, numa tentativa de afastar aquela sensação de sufocamento que subia pelo meu peito, fazendo meu coração martelar rudemente. Tudo

escurecia à minha volta e minha cabeça girava enquanto eu lutava para respirar, coisa que não estava conseguindo fazer.

Bem distante, tive a impressão de ouvir a voz de minha mãe gritando e implorando para que eu não sucumbisse novamente.

Capítulo 5



Setembro/2008

Meus olhos estavam perdidos em um ponto qualquer daquela sala, apesar de eu me obrigar a concentrar nas palavras da mulher morena à minha frente. Porém, eu não estava tendo muito sucesso. Eu me senti, de repente, muito cansado. Cansaço de mim mesmo. Depois de quase ter uma nova crise somente por saber que Mel estava ao telefone com minha mãe, eu quase não consegui esperar até o dia seguinte para procurar a clínica. Eu precisava disso e sabia que sozinho, remoendo tudo o que fiz de errado eu não conseguiria.

Eu não podia mais ficar lamentando o que fiz, o que perdi... ou quase perdi. Eu precisava me levantar, me reerguer e voltar a ser o que fui um dia. E então, somente depois disso, quando eu me tornasse realmente digno do amor de Mel, eu iria atrás dela e pediria seu perdão.

—Entendeu, Daniel?

Eu fiz que sim, remexendo a cabeça, mas na verdade eu ouvi apenas as últimas palavras da doutora Chapman. "O primeiro passo é admitir que precisa de ajuda, e esse passo você já deu. Então está no caminho certo."

—Que ótimo. Bom, nesse panfleto estão todas as atividades diárias de nossa clínica. Aqui ninguém é obrigado a nada. Você pode participar das atividades que quiser, ou não participar de nenhuma. Isso é você quem sabe. Mas seria muito importante para o seu pronto reestabelecimento que você participasse de algumas. Eu até marquei duas ou três delas que acho interessante para você.

Eu lia atentamente o panfleto ao mesmo tempo em que meneava a cabeça concordando com as coisas que ela falava.

—Alguma dúvida?

—Não... nenhuma.

—Ótimo. Então já vamos finalizar o seu cadastro e então você poderá se despedir dos seus pais.

—Eles poderão vir aqui, não é?

Perguntei, de repente assustado com a hipótese de ficar sem vê-los por semanas, ou seja, lá quanto tempo eu ia precisar para me recuperar.

—Sim, claro. Nos finais de semana que é quando a família gosta de se reunir.

Assenti e me levantei, logo depois seguindo a doutora até a recepção onde meus pais me aguardavam. Engoli seco ao notar a expressão tão abatida de minha mãe e então rapidamente eu caminhei até ela.

—E então, querido?

—Está tudo certo, mãe. Eu vou ficar.

—Você tem certeza? Eu já não sei se...

Sorrindo, eu a abracei apertado. Sabia muito bem que ela me queria debaixo do seu teto, cuidando de mim, tentando colar os cacos que nem eu sei se ia conseguir, mas precisava fazer aquilo sozinho.

—Será o melhor, mãe. A senhora viu os meus exames... isso afetou muita coisa em minha saúde e eu estava a um passo de ter crises de pânico. Eu realmente preciso disso.

Eu não era nenhum especialista no assunto, mas pelo pouco que já li e até mesmo pelas coisas que o médico tinha me dito quanto tive alta, eu sei que a crise de ontem poderia piorar e muito se eu não começasse a me cuidar já.

—Daniel está certo, querida. —Meu pai se uniu a nós dois num abraço. — E pense que ele vai voltar logo para nós...e bem melhor.

—Obrigado por tudo. Principalmente por não me julgarem e... sei lá... por me apoiarem, apesar de eu não estar merecendo.

—Nunca diga isso. Vamos dizer que foi uma série de acontecimentos infelizes. Você desistiu dos seus planos contra os Ebner, quis voltar atrás, mas aí tudo explodiu. O meu maior orgulho, meu filho, é saber que você soube reconhecer seu erro antes mesmo de perder o que tem de mais precioso.

Concordei em silêncio. Não precisava dizer que o que eu tinha de mais precioso, além dos meus pais, era Mel. Fechei meus olhos e suspirei ainda abraçado aos meus pais. Hoje seria apenas o começo.

∞∞∞∞

Vinte e uma horas e eu já estava deitado em meu quarto, olhando através da janela baixa que me oferecia a bela visão do amplo jardim. A grama não estava tão verde nessa época do ano, mas ainda assim a paisagem era belíssima.

Após a saída dos meus pais, eu fui levado para co-nhecer cada canto da clínica Santé e confesso que gostei do que vi. A princípio imaginei que seria um lugar triste, depressivo, quase uma prisão. Mas eu vi que me enganei. Não sei explicar bem o que era, mas um clima agradável predominava em todos os ambientes. Não havia frieza e sim calor humano.

Por ter chegado pouco depois do almoço eu não participei de quase nenhuma atividade, exceto a roda de conversa, onde todos os participantes falavam um pouco de sua vida, como se estivessem em uma reunião de alcóolicos anônimos. A diferença é que falavam sobre as coisas boas que já fizeram e a maioria das falas rendia boas gargalhadas.

Depois segui para a sala onde era ministrada aulas de yoga, mas eu fiquei apenas observando, tentando me decidir se eu faria aquilo. Nunca acreditei muito nos benefícios associados à pratica da atividade, mas Mel sim. E eu resolvi que talvez no dia seguinte participasse das aulas.

Após o jantar eu me recolhi e permanecia deitado na cama até agora, com uma foto de Mel sobre o meu peito. Peguei a foto novamente, sorrindo ao analisa-la. Mel estava linda como sempre, e tinha na cabeça o meu capacete que usava no trabalho. Estávamos no império, quando as paredes ainda estavam sendo levantadas. E ela lá... ao meu lado, em pleno sábado me ajudando. Era essa mulher incrível que eu magoei.

Não estou dizendo que Mel é uma mulher perfeita, porque não é. Ela tem suas falhas, seus erros, mas são coisas tão pequenas que se tornam insignificantes se comparadas a tudo de bom que ela me proporcionava.

Felizmente, ou infelizmente, não nos era permitido usar o celular por aqui. No meu caso, era um alívio, porque sei que a essa hora eu fatalmente estaria tentando falar com Mel. Mas eu não podia, não nesse momento. Eu devia isso a ela. Devia momentos de descanso longe de mim e de toda a trapalhada que fiz em nossa vida.

—Só espero que você esteja bem, Mel. Eu amo você.

Falei antes de beijar a foto e colocar ao lado da cabeceira da cama. Em seguida eu girei de lado e fechei meus olhos esperando que o sono viesse, mas que levasse com ele os fantasmas que assombravam minha mente.



Duas semanas se passaram desde que vim para a clínica, ou como dizia a doutora Chapman, sítio do relaxamento. Eu só me dei conta da grandiosidade do lugar no dia seguinte, quando sai para caminhar com os outros hóspedes do lugar. A trilha nos levou a um grande pomar e do lado oposto o espaço reservado a alguns animais, principalmente cavalos.

Eu fiquei encostado na cerca observando os belíssimos animais correndo. A sensação era de liberdade, apesar da cerca. E eu queria me sentir assim... livre. Livre de tantos pensamentos e sentimentos opressores, livre daquela sensação de fracasso como homem, como marido.

Durante esses dias, eu tentei buscar explicações dentro de mim. Quando foi que aquele sentimento de rancor e vingança se incrustaram tão fortemente dentro de mim? Por que permiti que aquele homem me atingisse tão profundamente, já que eu sempre soube que eu não precisava provar nada a ele?

Talvez meu orgulho e meu ego tenham falado mais alto. Eu me senti orgulhoso de ter vencido e assim conseguir pegar aos Ebner de surpresa. E eu podia ter parado por aí se junto ao orgulho e rancor não tivesse sido acrescentado o ódio. Aquele sentimento me levou à derrocada, com certeza. Ódio por perceber que Anika planejava alguma coisa ao dizer que queria me conquistar.

Há anos eu já sabia que o que senti por ela um dia, sequer chegava perto do que eu sentia por Mel. Aquilo foi apenas uma ilusão de adolescente, talvez por ter tido a atenção de uma mulher tão bonita. Ah o famoso ego masculino! Antes eu não conhecia o amor e ao conhece-lo com Mel, eu tive a

certeza de que aquele sentimento nunca existiu em relação a Anika.

Então eu estava bem assim. A presença dela não me abalou em nada, tanto que nem fiz questão de responder a sua primeira tentativa quando me disse que queria me reconquistar. Aliás, eu poderia ter gargalhado naquele momento. Mel estava tão profundamente dentro de mim que eu já não sabia mais quem era eu e quem era Mel. Para mim, éramos um só. Ela era uma grande parte muito importante de mim. E eu sabia que perderia totalmente o rumo se a perdesse um dia.

Mas ser chamado de chato, apaixonado idiota e meloso, além de pobretão que nem todo ouro transformaria em um homem decente agiu como uma bomba dentro de mim. Não que eu me importasse com o que eles pensavam a meu respeito. O que me enfureceu foi saber que Anika estava mancomunada com o pai para me fazer de otário só porque eu estava bem de vida. Como eles ousavam sonhar em destruir tudo o que Mel e eu construímos com trabalho, com amor, com compa-nheirismo?

Infelizmente nem a consciência de tudo isso foi capaz de impedir que meu ódio se tornasse um asqueroso desejo de vingança, em que fiquei tão cego que não percebi que passava por cima de tudo... inclusive do meu casamento. E era isso que eu não perdoava.

—Daniel... eu sei que é difícil externar o que nos aflige, mas é preciso falar. Você precisa libertar essa angustia dentro de você ou do contrário não vai conseguir se curar totalmente. Arrancar as palavras de dentro de nós traz uma sensação de liberdade inexplicável. Tente.

Fechei meus olhos com mais força. Todos os dias eu vinha para o consultório da terapeuta, mas nenhuma palavra saía de meus lábios. Por mais que eu tentasse, e praticamente sentisse cada palavra a ser dita massacrando meu peito, eu não conseguia falar nada.

Dentro de mim, a explicação. Aquelas palavras se-riam a confissão de toda minha culpa, de toda minha fraqueza. E só uma pessoa merecia ouvir: Mel. Se não fosse a única, teria que ser a primeira. Foi ela quem eu magoei. Foi ela que sofreu com meu distanciamento, com minha canalhice em incentivar outra mulher a me conquistar, ainda que isso não passasse de uma

falácia para vê-la humilhada mais tarde.

Porém, já são dias assim... deitado ali apenas ouvindo, sem conseguir jogar para fora toda a podridão de dentro de mim. Mas é como dizem... mesmo apenas gotejando, chega um momento em que o copo fica cheio, transborda... e já não dá mais para fugir. E foi o que aconteceu comigo. Primeiro foi um soluço... depois outro e mais outro, até que por fim as lágrimas transbordaram sem qualquer controle. E por longos minutos eu apenas chorei, sem me dar conta do olhar da doutora Stephanie sobre mim.

Vergonha. A vergonha que sentia de mim, do que me tornei era tamanha que eu realmente não conseguia me encontrar, não conseguia encontrar o caminho que me levasse a ser novamente o homem que um dia foi digno de conquistar o coração de Mel.

Capítulo 6



novembro/2008

Poderiam ter se passado dias, meses ou apenas horas e minutos. Eu não sabia diferenciar. Pelo menos não à noite, que era a hora em que tudo se tornava sombrio para mim. Durante o dia eu participava das atividades, conversava com as pessoas e posso dizer que eu estava bem. Minha cabeça estava mais leve, livre de pensamentos ruins... principalmente aqueles que me levaram à bancarrota.

O primeiro passo, sem dúvida, foi aceitar que eu não sou infalível. Eu

erro, tenho defeitos... incontáveis defeitos. Mas também tenho qualidades. O segundo passo, tão difícil quanto o primeiro, foi aprender a não me importar com a opinião das outras pessoas. Especificamente das orgulhosas demais que não aceitam que já erraram um dia na vida. Ou daquelas que são senhoras da razão que acham que tudo o que elas pensam é o certo. Que eu deveria ter agido de acordo com o que elas pensam.

Tudo bem que minha escolha foi totalmente errada, mas quem garante que o que os outros pensam também é o certo? E o mais importante... não me preocupar com a opinião de pessoas iludidas, que acreditam mesmo que nunca magoaram ninguém. O terceiro passo ainda ia devagar... eu estava aprendendo a aceitar que eu não era um fraco... nunca fui. Ninguém no mundo deveria ser chamado de fraco por ter errado, por ter se deixado levar por sentimentos nada bonitos, ainda que não intencionalmente, magoado alguém que mais amava na vida. No meu caso... Mel.

Ali, no meio de tantas pessoas, com problemas tão iguais ou piores que os meus, eu aceitei que, em qualquer estágio da nossa vida, um dia vamos magoar alguém. Seja com atos, palavras, gestos... ou até mesmo pela total falta de reação a alguma coisa. É hipócrita quem pensa o contrário

No começo eu me coloquei no banco dos réus, dizendo que eu poderia ter agido diferente. Sim, eu poderia..., mas não fiz. Foi um erro que me custou caro... e eu costumo aprender com meus erros. Infeliz de quem não aprende nunca. Uma das coisas que aprendi e que jamais me esqueceria era que não valia a pena guardar mágoas, rancores. Não valia a pena se deixar levar por palavras traiçoeiras vindas de pessoas que não faziam a diferença em minha vida. Se eu tivesse essa percepção meses atrás, teria entendido que nada do que aquele homem dizia realmente me afetava.

Eu lutei para chegar onde cheguei. Não foi fácil e eu sei que talvez não conseguisse se não tivesse Mel ao meu lado sempre me incentivando. Pois é... eu deveria ter confiado nos pensamentos dela em relação a mim. A mulher que me amava, respeitava e era leal apesar de todos os meus erros e de minha autoestima rastejante. Bom, esse era um ponto que ainda estava sendo traba-lhado.

Quando eu finalmente consegui me libertar e falar tudo o que estava

guardado dentro de mim para a doutora Stephanie, a sensação de paz que me invadiu foi algo indescritível. Era bobagem pensar que eu só poderia falar aquelas coisas para Mel em forma de perdão. Se eu não me libertasse, eu jamais estaria pronto para ela novamente.

Porém, nem tudo corria às mil maravilhas. Eu não estava conseguindo suportar a ausência de Mel e era à noite que as coisas pioravam. O frio já prenunciava a chegada do inverno e era praticamente impossível não me lembrar dela e daqueles pés gelados roçando em minha perna. Ou de Mel fingindo que dormia quando estávamos na rede apenas para que eu a levasse nos braços. Mas a imagem mais nítida e massacrante era a de nós dois abraçados sob o cobertor, conversando, nos beijando, rindo de qualquer coisa. Mais do que abraçar, beijar e fazer amor com ela... eu sentia falta de rir com ela. Sentia falta de curtir preguiça com ela, ambos jogados no chão da sala. Meu Deus... como isso doía.

Eu fechei meus olhos quando senti a presença ao meu lado. Girei a cabeça para o lado contrário, sentindo imediatamente uma cotovelada na cintura. Era ela... abusada. Mas nem se eu quisesse conseguiria ignorar Camila e todo seu falatório.

—Não vire a cara para mim, Dani. Odeio isso.

Eu rolei os olhos, apesar de ainda fechados ao ouvir aquele apelido ridículo. Mas por mais que eu já tivesse dito a ela que não gostava, Camila simplesmente igno-rava

—Se não abrir esses olhos vou ficar pentelhando você.

—Como sempre, não é?

Falei finalmente abrindo os olhos e encarando a beleza morena de Camila. Ela chegou à clínica há três se-manas e parece ter simpatizado comigo imediatamente, pois desde então não se afastou de mim. Estava com vinte e quatro anos, mas às vezes parecia ter um quinze por causa de alguns rompantes.

—Ah vamos, bonito. A gente podia achar alguma coisa interessante

para fazer. Sexo, talvez.

Eu ri alto dando um toco em sua cabeça.

—Como se eu tivesse o que você gosta.

Ela riu também, enganchando seu braço no meu.

—Nem se você tivesse, não é?

—Não.

—Engraçado, não é? Como que a gente só consegue fazer sexo com quem a gente ama?

—Muita gente consegue.

—Estou falando de nós dois. Acha que somos uma aberração?

—Possivelmente.

Nós rimos novamente e eu finalmente a encarei seriamente. Camila era realmente muito bonita, mas fodida emocionalmente. Tudo porque seus pais não aceitavam sua orientação sexual a atormentaram cruelmente, até que a mulher pela qual ela era apaixonada resolveu ir embora, cansada de tantas humilhações e ameaças. Homossexual e negra já eram motivos suficientes para que a família de Camila perseguisse as duas sem trégua. E quando a namorada partiu, Camila surtou. As cicatrizes dos cortes eram bem visíveis em seus braços.

—Como você está?

—Fico bem quando estou com você. —Falou dando de ombros. —Mas a noite eu sinto como se a escuridão fosse capaz de me engolir. Sabe Daniel... eu tenho medo de não me curar.

—Não diga isso nem brincando. Eu aposto como vai sair daqui refeita... e mais forte para lutar por seu amor.

—Acha que ela ainda vai me querer?

—Se tudo o que viveram foi como realmente me contou.

—E foi. E você também vai sair dessa. Aposto como sua Mel não vê a hora de se jogar em seus braços de novo.

Eu ri, balançando a cabeça. Eu esperava sinceramente que sim.

—Você é um homem bom e merece ser feliz.

—Você também. Venha... – Falei me levantando e a puxando pela mão. –Vamos caminhar um pouco.

Eu não disse nada a ela, mas eu também sentia que estava regredindo. Eu, inexplicavelmente passei a temer a noite. Por isso, eu às vezes deixava a luz do abajur acesa ou as cortinas afastadas. Quando acontecia de eu cochilar enquanto lia algum livro, e ao acordar já estivesse escuro, eu me sentia sufocado, quase sem conseguir respirar. E as vezes eu me perguntava se somente Mel ia me ajudar a reverter isso, ou se eu precisava reverter para poder enfim sair daqui e ir ao encontro dela.



Eu sei que estava parecendo um menino mimado e chorão, mas não havia nada melhor do que o colo da minha mãe, principalmente depois de ter saído de mais uma sessão com a doutora Stephanie. Eu ainda falava com ela sobre meus erros, meus acertos, mas principalmente meus medos. E também, obviamente, eu falava sobre tudo o que estava disposto a fazer para que aquela mancha em minha vida ficasse cada vez mais apagada, até chegar ao ponto de não doer mais.

No entanto, eu evitava falar no futuro, no que eu pretendia. Depois de tantos tropeços, Mel merecia que eu mostrasse através de atos, de atitudes e não de simples palavras. Eram verdadeiras, é certo, mas será que ela conseguiria confiar apenas em palavras? Santo Deus... se eu pudesse pelo menos ouvir sua voz, saber como ela estava..., mas não. Eu estava

completamente no escuro.

—Daniel, meu filho... seu pai e eu estivemos conversando com a doutora Stephanie.

—O que ela disse? Pensei que haveria ética médica.

Falei sarcástico, ganhando um olhar de repreensão do meu pai. Estávamos no jardim, onde nos reuníamos nos finais de semana para os encontros com nossa família. Deixei meu olhar percorrer o jardim, me sentindo incomodado ao ver como Camila permanecia de cabeça baixa, sem olhar para os pais que pareciam dois blocos de gelo. Ela era uma garota bacana e não merecia aquele tratamento.

—Ela não disse nada a respeito de você ou das coisas que você fala durante as sessões. Ela só disse que... achava que seria bom para você se tivesse alguma notícia da Mel.

Eu girei a cabeça imediatamente, olhando para minha mãe e sentindo meu coração disparar dolo-rosamente dentro do peito. Minha respiração falhou e depois ficou ofegante. Eu senti meus olhos se encherem de lágrimas... meu corpo inteiro tremia e eu pude perceber que aquilo assustou meus pais, tanto que meu pai me segurou com força.

—Filho...

—Estou bem... está tudo bem, pai. É só que... vocês têm visto a Mel? Ela está bem?

—Não. Ela está viajando, meu filho. Mas ela tem ligado e...

—Como ela está, mãe? Não me esconda nada. Ela está bem? Está se cuidando? Tem alguém fazendo companhia a ela? Merda... eu ferrei com tudo. Ela sempre foi tão sozinha e...

—Filho... calma. Ela ligou... tem ligados algumas vezes. Está bem e preocupada com você, mas eu garanti que você está sendo bem cuidado.

—A senhora contou...

—Não. Achei melhor não falar que você está aqui ou era bem capaz de ela desistir da viagem. Filho... ela esteve na Noruega!

Novamente meu coração disparou, mas dessa vez de felicidade por ela. Eu não consegui segurar meu sorriso e segurei a mão de minha mãe com força.

—Era sonho dela, mãe! E o que ela disse? Conseguiu ver a aurora boreal? Ela deve estar feliz demais.

—Sim. Ela me disse dias depois da primeira ligação que conseguiu ver. E... ela queria que estivéssemos lá.

Dessa vez eu não quis, ou não consegui segurar as lágrimas. Eu queria estar com ela em qualquer lugar, não importava, desde que estivesse com ela. Mas eu estava feliz por ela ter conseguido realizar esse sonho. Ela me-recia aquele presente depois de tudo o que passou ao meu lado nos últimos meses.

—Ela me ama, não é, mãe? Só está muito magoada comigo.

—Claro que ama, meu filho. Um amor como o de vocês não vai morrer assim.

—E o que mais ela disse? Ainda está lá?

—Fez amizade com um casal... e agora está na casa da tia dela em Paris.

—Ah sim. Ela disse várias vezes que queria que fôssemos visita-la. Bom... estou feliz por ela. De verdade.

Mais tarde, em meu quarto, eu deixaria minha mente vagar, tentando imagina-la na Noruega, vendo todas as maravilhas que planejamos ver juntos um dia. E ainda iríamos.

Não consegui deixar de sorrir depois disso. Se Mel estava bem, eu estava feliz por ela. Se existe uma mulher no mundo que merece tudo de mais extraordinário, essa mulher era Mel.

Passei uma tarde agradável com meus pais e em momento algum eles falaram a respeito do meu trabalho. E eu muito menos. Para ser sincero, eu sequer pensei nisso desde que entrei aqui. Porém, uma coisa estava me deixando inquieto... meu pai também estava inquieto, como se quisesse me dizer alguma coisa e não soubesse como.

—Pai... estão me escondendo algo?

Perguntei, por fim, e o vi engolir seco.

—Eu não queria... juro. Mas conversamos com todos os profissionais aqui e eles garantiram que seria melhor se você soubesse agora.

—Do que o senhor está falando?

—Não é um assunto agradável, filho, mas quanto antes você souber... melhor. Porque vai machucar, vai doer e você provavelmente vai se sentir ainda mais culpado. Mas é melhor que isso aconteça enquanto estiver aqui, porque poderá se curar com a ajuda especializada para então poder sair realmente bem. Eu não quero que quando você e Mel se encontrarem, o relacionamento de vocês sofra novo abalo com essas informações.

—Pelo amor de Deus, pai... o que aconteceu com a Mel?

—Não aconteceu nada com ela. Sua mãe já disse que ela está bem e é verdade. Estou falando... da Anika.

Eu me levantei abruptamente, fechando minhas mãos com raiva. Minha mãe também se levantou e colocou as mãos em meu peito, tentando me acalmar.

—Filho, apenas ouça seu pai.

Com olhos arregalados, meu pai disse, a princípio poucas palavras.

—Descobrimos coisas que... mostraram que es-tivemos enganados, principalmente você Daniel... es-tivemos muito enganados a respeito daquela moça.

Eu apenas permaneci petrificado enquanto meu pai narrava aqueles fatos que sequer passaram pela minha mente um dia. E ele estava certo. Machucava, doía. Agora culpa e remorso explodiam em mim com tanta força que cai de joelhos no chão. E eu, que acreditei realmente que estava prestes a sair do purgatório, estava sendo jogado novamente de volta ao inferno.

Capítulo 7



Dezembro/2008

Retrocesso. Essa era uma palavra da qual nunca fui fã. Mas por mais que eu tenha me esforçado, não consegui impedir que minha mente retrocedesse e eu fosse bombardeado novamente com sentimentos tão ruins. Deixou de ser apenas culpa e remorso. Era também raiva e vergonha de mim mesmo. Eu agi leviana e vergonhosamente ao julgar sem conhecer realmente a natureza dos fatos. Eu me baseei em uma conversa ouvida atrás da porta para me encher de pensamentos e atitudes cruéis. Vingança. Eu sentia

vontade de vomitar todas as vezes em que pensava nessa palavra.

Por que? Por que eu não tive a serenidade, o discernimento suficiente para perceber que aquilo não me levaria a nada? Anika e seu pai não representavam nada em minha vida, não mudariam absolutamente nada para mim. Por que me deixei levar? Eu poderia ter desistido de ato tão vil e por tabela eu evitaria tanta coisa. A primeira delas sem dúvida: eu não teria magoado Mel. Eu não teria sido grosseiro com meus pais. E... eu não teria sido injusto com Anika que, agora posso dizer, nunca conheci verdadeiramente.

Depois de ouvir tudo o que meu pai tinha a dizer, eu me vi caindo novamente em um buraco escuro e sombrio. E se antes eu já me achava um monstro... agora eu nem tinha palavras. Usei duas pessoas inocentes para tentar cicatrizar meu orgulho ferido. E agora eu me perguntava: ainda haveria perdão para mim? Mel ainda conseguiria olhar em meus olhos depois de saber toda a verdade?

Eu me fechei novamente e com isso o que estava melhorando voltou a piorar. Minhas dores de cabeça estavam mais frequentes, além do meu distúrbio de sono, já que eu não conseguia dormir em ambiente totalmente fechado, nem escuro. Isso durou todo o mês de novembro, até hoje, dia vinte e quatro de dezembro, Natal.

Hoje posso dizer que estou bem melhor, graças a paciência da doutora Stephanie, à amizade de Camila, compreensão de meus pais e minha própria vontade de estar pronto para sair daqui e começar a fazer algo de bom. Começar a fazer as pessoas felizes, principalmente aquelas que eu amava. Não estou dizendo que estou completamente curado, porque seria uma grande mentira. Eu ainda trago dentro de mim, uma vergonha tão grande que às vezes sequer consigo me olhar no espelho. E não é apenas o que meus olhos veem. É o que minha alma sente. A verdade é que nem eu mesmo me perdoei.

Eu olhei mais uma vez para a fotografia em minha mão e suspirei. Passei os dedos pelo rosto sorridente de Mel e acabei sorrindo também. Acho que somente a saudade que eu sentia dela doía mais que minha vergonha.

— Espero que esteja bem, amor. Nosso primeiro Natal separados... E eu espero que seja o último. Nunca mais quero me afastar de você.

Beijei a fotografia e a coloquei novamente no lugar, me levantando em seguida. Olhei através da janela, sorrindo, mas sem humor ao ver o jardim enfeitado para a comemoração de Natal. Prefери que meus pais viessem comemorar comigo mais cedo. Primeiro porque eu não queria estar acordado à meia noite, pensando em como Mel estaria. E depois, eu sabia que embora negassem, eles estavam cansados de viajar pouco mais de uma hora todos os finais de semana para me ver. Era tão injusto com eles!

Sai do quarto e andei pelo corredor, cumprimentando alguns funcionários e hóspedes da clínica. Era assim que a doutora Mallone se referia a todos nós. Ao chegar ao jardim eu parei com as mãos na cintura, rindo ao ver que Camila já estava alugando meus pais com sua conversa infinita.

— Nem faça essa cara, bonitão. Seus pais me amam e quase me querem como filha.

— Não os coloque em situação constrangedora. São elegantes demais para desmentir você.

Ela fez uma careta e eu ri enquanto pegava minha mãe em um abraço forte.

— Como você está, meu filho?

— Estou bem.

Eu girei e foi a vez de abraçar meu pai, que ao contrário de minha mãe, não pareceu acreditar que eu estava bem.

— Tem certeza de que está bem? Está me parecendo um pouco abatido.

— Só um pouco, mas estou bem. Não se preocupem. Quero saber se vocês estão bem. Receberam os presentes?

— Sim e você não deveria ter feito isso. Não foi o que combinamos?

Sorri, finalmente mostrando que eu não tinha intenção de cumprir o que eu mesmo combinei. Não queria que gastassem comigo comprando presentes. Meu maior presente seria ter Mel novamente. Mas eu enviei presentes a eles, depois de implorar para que me deixassem acessar a internet e fazer as compras.

Nós nos sentamos e Camila se afastou garantindo que voltaria para se despedir dos meus pais e desejar feliz natal.

— Parece ser uma boa pessoa.

—Ela é.

—Filho... — Minha mãe parecia meio apreensiva. —Ela não está apaixonada por você, não é?

— Não, mãe. Eu não daria atenção a ela se soubesse disso. Chega disso na minha vida.

—Fico mais aliviada.

Eu não entrei em detalhes sobre o motivo pelo qual ela não precisava se preocupar com isso, afinal era a vida de Camila e eu não poderia ficar falando a respeito sem autorização dela.

—Tem notícias da Mel?

—Ele ainda não voltou se é isso que quer saber.

— Quero saber se ela está bem.

— Sim. Estava na última vez em que nos falamos.

Eu mordi meus lábios não querendo fazer a pergunta que me atormentava. Ela pensava em mim? Perguntava por mim? Consegui me segurar pois não queria um olhar de pena. Já estava sendo difícil enfrentar a realidade de que depois que nos conhecemos esse seria nosso primeiro Natal

separados. Bom... e eu não podia me esquecer de quem era o culpado por essa situação.

— Não estão chateados comigo por eu pedir que viessem mais cedo?

— Claro que não, filho. Aliás, nós estávamos mesmo pensando a respeito, porque... como voltaríamos para casa tão tarde em plena noite de Natal? Mas não queríamos que você pensasse que estava sendo deixado de lado.

— Claro que não, pai. Eu jamais pensaria isso ainda mais de vocês. Mas vão fazer as orações à meia-noite?

— Não sei. — Minha mãe falou e suspirou... e eu senti meus olhos se encherem de lágrimas. — Estamos cansados e... seremos só nós dois. Mas o que importa é a intenção, não é? Vamos rezar mais cedo e pedir por todos nós.

— Sim... para mim pode dobrar as orações.

Falei de olhos fechados, mas percebi que os dois riam. Pelo menos conseguia encontrar um pouco de alegria no meio de tantos momentos ruins.

Meus pais foram embora as dezenove horas e apesar de tudo, foi um dia bem agradável. Nós nos divertimos com os outros hóspedes, com as conversas animadas, comida e música. A minha maior surpresa, sem dúvida não foi a ausência dos pais de Camila e sim a presença de Esther. Linda, elegante e simpática, eu me perguntava como as pessoas conseguiam desprezar alguém como ela por causa da cor de sua pele. Eu torcia pelo amor das duas.

Depois da saída dos meus pais, eu fui para o meu quarto, onde me deitei mais uma vez com a fotografia de Mel sobre meu peito. Prometi a mim mesmo que não deixaria pensamentos tristes me rondarem nesse dia. Fiz uma volta ao passado, relembrando todos os natais que passamos juntos. Mel deu um novo sentido à essa data. Ela acreditava que nós a curamos da depressão natalina, mas foi o contrário. Claro que não ficávamos tristes nem deprimidos, mas certamente ficamos mais felizes depois que Mel passou a

fazer parte de nossas vidas.

E foi assim, somente relembrando coisas boas que eu fechei minha noite de natal. Deitado em meu quarto tendo a fotografia de Mel como companhia. E por incrível que pareça, nessa noite não senti medo, não senti pânico, nem falta de ar. Eu apenas dormi.

**

∞∞∞∞

Eu encarava seriamente a doutora Stephanie que com seu ar de tranquilidade sorria diante do meu espanto. Quando fui chamado para conversar não só com ela, mas também com os outros médicos, não esperava por isso.

—Você está pronto, Daniel. Tudo o que podíamos fazer em prol da sua saúde física e mental foi feito. O resto agora só depende de você. Mas quero que seja sincero comigo. Nós achamos que você está pronto, mas você se sente pronto?

Por alguns instantes eu apenas pensei a respeito, me fazendo várias indagações e felizmente encontrando respostas. Ainda havia dentro de mim, um sentimento nada bom, mas que eu bem sabia que só seria libertado quando eu finalmente encontrasse Mel. Quando eu olhasse em seus olhos e pedisse uma chance de mostrar quem eu realmente sou e não quem eu fui. No mais, eu me sentia bem. Entendi que erros fazem parte da nossa vida e que ficar me lamentando sobre o que fiz não vai mudar os fatos. O que importa é como vou agir daqui em diante.

— Sim, doutora. Eu me sinto pronto para sair.

Ela sorriu e apertou minha mão sobre a mesa.

—Devido ao adiantado da hora,você será liberado amanhã. É bom que poderá se despedir dos novos amigos e informar aos seus pais.

Eu não diria que fiz tantos amigos. Talvez Camila fosse a única, mas essa já tinha partido quatro dias após o Natal. E não foi com os pais e sim com Esther. Aliás, eu nem entendi porque uma moça já maior de idade ainda se submetia aos desmandos e preconceitos dos pais. Ela se foi levando o meu número para que pudesse entrar em contato, dizendo que queria conhecer a minha Mel. E quanto aos meus pais... Eu preferia fazer uma surpresa.

Fiquei ansioso desde o momento em que soube que minha estadia ali chegava ao fim. Porém, tanta ansiedade não me permitiu dormir muito bem, então as sete horas da manhã eu já estava de pé, com minha mala arrumada só me preparando para acertar as despesas e finalmente ir embora.

As oito e meia da manhã, depois de entregar o cheque na recepção eu me afastei para me despedir de toda a equipe que esteve comigo durante esses longos três meses. Um outono inteiro sem minha companhia preferida... sem parte da minha alma. Foi sem dúvida, o outono foi mais gelado que o inverno que se iniciou há pouco tempo.

—Vamos sem medo, Daniel. E não se esqueça de que a vida nos dá uma chance de nos redimir de nossos erros, e não devemos desperdiçar. Faça a coisa certa. Seja o homem que quer ser. E não se esqueça... Cuide da sua saúde. Física e mental.

—Obrigado, doutora. Obrigado a todos vocês que me ajudaram de formas que eu nem sabia que poderiam. Eu me sinto realmente bem..., mas sei que ficarei ainda melhor daqui em diante.

O táxi já me aguardava do lado de fora e assim que me aproximei do carro, girei e acenei em adeus —que eu espero, seja definitivo — observando por um momento a entrada do lugar. Quando cheguei aqui estava tão psicologicamente abalado que não me dei conta da beleza exuberante que existia ali. Mas era apenas isso. Esperava nunca mais ter que voltar. Eu realmente nunca imaginei que um dia precisaria desse tipo de cuidado. Mas precisei porque não me cuidei. Nem do meu corpo, da mente... e nem do coração. Alguém que tinha o amor em sua vida como eu tinha, não podia nunca deixar de cuidar.

Entrei no carro e fechei os olhos enquanto o sentia se movimentar. Na

noite anterior sonhei com a Mel e quando acordei me senti atordado. Foi tudo tão real que eu quase pude sentir em meus lábios o sabor do beijo que trocamos. Eu daria tudo para poder vê-la ainda hoje. Hoje...trinta e um de dezembro. Último dia do ano que nos trouxe momentos tão bons e tão ruins. Não sei se minha saída justamente hoje era um prenúncio de dias melhores, mas eu tinha esperança.

Pelo menos eu ia poder estar no mesmo lugar onde Mel e eu fazíamos nosso ritual em toda virada de ano. Agradecer e pedir... pedir muito para que eu fosse me-recedor do perdão da mulher da minha vida. Mas infelizmente, dessa vez, ao ficar sobre a pedra da praia... eu estaria só.

Capítulo 8



Dezembro/2008

A paisagem desconhecida ia passando por mim rapidamente e eu sequer me dava ao trabalho de apreciá-la. Não me lembro de alguma vez na vida ter passado por aqui, e embora vez ou outra eu me inclinasse na janela, eu realmente não estava interessado. Meu único interesse era chegar a Fort Toment. Como eu sentia falta daquele lugar. Não sei se era pelas pessoas que ali viviam e que eram tão especiais em minha vida, mas a verdade é que eu não me via morando em outro lugar.

Quando a paisagem se tornou familiar, senti meu coração acelerar e minhas mãos suarem de nervosismo e expectativa. Eu não estive com meus pais depois do Natal então não sabia se Mel já estava de volta ou não.

Parte de mim queria dar ouvidos ao meu coração e correr para casa disposto a descobrir se ela estava de volta e assim implorar por perdão. Mas a pequena parte mais sensata me dizia que eu deveria ir com calma, sem precipitações. Eu não fazia ideia de qual seria a reação de Mel ao nos encontrarmos novamente. Poderia ser bem pior do que eu esperava.

Não pude deixar de sorrir quando finalmente chegamos a Fort Toment. Baixei a janela e inspirei o ar fresco, não me importando com a lufada de ar gelado batendo em meu rosto. Passei tanto tempo me sentindo gelado por dentro que a temperatura sequer poderia se equiparar.

Eu não estava sendo racional quando informei outro endereço ao taxista. Mas eu precisava daquilo... Nem que fosse apenas observar à distância. Quando o carro parou em frente à casa amarela eu já sentia minha garganta embotada e meus olhos tão marejados que eu nem bem tinha descido do carro e já chorava.

—Vai ficar aqui, senhor?

—Só... Um instante, por favor.

Falei com voz embargada enquanto me aproximava da casa onde, por alguns meses fomos tão felizes. Sufoquei um soluço mordendo meus lábios com força, mas sem tentar impedir meu choro cada vez mais abundante. Eu fechei meus olhos e deixei que imagens de nós dois inundassem minha mente.

A emoção e felicidade de Mel quando entramos na casa, nossa primeira noite de amor...o dia seguinte. E mais tantos outros momentos incríveis. Abri meus olhos e me aproximei mais um pouco. Absolutamente tudo fechado. Não havia dúvida de que ela não estava mesmo ali.

Por um momento ponderei se não deveria entrar um pouco, reviver...matar as saudades. Porém antes que aquela ideia se incrustasse ainda

mais em minha mente, eu girei e caminhei entrando no carro. Eu não tinha o direito de entrar ali... não enquanto eu me sentisse tão sujo, tão desmerecedor de pertencer aquele lugar.

Mas parecia que eu não estava mesmo raciocinando muito bem. Isso ficou bem claro quando forneci o outro endereço ao taxista. Não demorou muito e paramos em frente à casa de Mel. A casa onde moramos por tantos anos e onde fomos muito felizes. Quanto a isso não tenho dúvida alguma. Fomos muito felizes ali.

Quando dei por mim, já estava pegando minha mala, pagando o taxista e caminhando até a entrada da casa. Parei subitamente irritado com minhas atitudes. E se Mel estivesse ali? Eu já ia chegar impondo a minha presença? Indeciso, coloquei a mão no bolso da calça segurando a chave de casa.

Observei por um tempo e depois de constatar que tudo parecia inabitado eu peguei a chave e abri a porta. Meu coração batia tão forte que ofeguei, sentindo minha respiração disparar.

Embora estivesse tudo fechado, não havia sinal de abandono então só pude imaginar que alguém estava vindo fazer a limpeza. Deixei minha mala no canto e andei pela sala, observando alguns móveis que não fizemos questão de levar. Depois fui até a cozinha notando, pela geladeira vazia que realmente ninguém estava ocupando a casa. Cheguei a pensar que Mel talvez a alugasse, mas acredito que ela sequer teve tempo ou cabeça para tomar essa atitude.

Confiava no amor que Mel sentia por mim, mas não sou idiota a ponto de achar que somente o amor era suficiente para segurar uma relação. Existem coisas fundamentais como companheirismo, confiança, lealdade. Coisas que joguei no fundo de minha mente ocupada pelo sentimento de vingança.

Perdido em pensamentos eu só me dei conta de que já estava no quarto quando vi a cama no centro. Mais uma vez fui engolfado pelas lembranças. Eu me sentei e fiquei olhando para o chão. A saudade que eu sentia de Mel era tão forte que estava me deixando desorientado, perdido. Deixei meu corpo cair para trás e levei minhas mãos ao rosto. Eu quase podia ouvir a risada de

Mel e a minha acompanhando, nossos gemidos, nossos gritos de prazer. Era torturante.

— Meu Deus, Mel...aonde você está?

Girei de lado na cama e assim fiquei. Não havia mais lágrimas por enquanto. Chorar não resolveria o caos em que transformei nossas vidas. Eu precisava buscar um pouco de serenidade para saber como agir de agora em diante. Porque tudo o que eu precisava era mostrar para Mel que eu mudei. Mas como fazer isso se, apesar de sentir a mudança eu ainda não me sentia merecedor daquela mulher?

Eu me levantei assustado, passando a mão no rosto ao perceber que acabei dormindo em nossa antiga cama.

—Merda.

Eu me levantei rapidamente, um pouco desorientado sem saber que horas eram. Sai do quarto e fui até a cozinha procurando pelo relógio que Mel deixava sobre o armário. Quase uma da tarde!

—Infeliz.

Esbravejei comigo mesmo e fui para a sala pegando minha mala. Queria estar com meus pais, fazer uma surpresa boa para eles e não aqui remoendo coisas que só trariam mais dor.

Fui a pé mesmo, sem me importar com o peso da mala. No caminho encontrei alguns conhecidos, mas apenas cumprimentei com um aceno de cabeça. Percebi que alguns me olhavam com curiosidade e por isso mesmo não quis saber de conversa. Mas isso não foi possível quando encontrei Juan, que pela direção que seguia, provavelmente estava indo para a Sweet. Primeiro ele me olhou assustado, mas depois se aproximou.

—Daniel... Nossa, que surpresa.

—Ei Juan... Como está?

—Estou bem. Trabalhando muito já que estou responsável pela

Sweet.

Ele retorceu os lábios, parecendo se recriminar por ter tocado no assunto.

—Está tudo bem Juan. Eu sei que a Mel está viajando e... Claro que você seria a melhor opção para ocupar o lugar dela.

—Pois é... obrigado pela confiança.

Ele pareceu pensar um pouco antes de falar, mas por fim não se segurou.

—Eu soube que esteve doente. Espero que esteja tudo bem agora.

— Ainda não está como eu desejo, mas vou chegar lá, Juan. Vou batalhar para isso.

— Sei que vai. Mas agora eu preciso ir...e se a gente não se encontrar mais hoje... Feliz ano novo.

—Obrigado. Desejo o mesmo a você.

Respondi depois de trocarmos um abraço. Eu já estava me afastando quando ele me chamou.

— Daniel? Vai dar tudo certo. Vocês se amam demais.

—É o que mais quero. Ela...ela ainda...

Ele negou.

—Não...ainda não voltou.

Eu apenas assenti e me afastei. Fui caminhando sem pressa e como sempre as lembranças vieram à minha mente. Era inevitável já que Mel e eu costumávamos fazer esse caminho quase todo final de semana. Íamos sempre de mãos dadas, conversando amenidades ou coisas mais sérias. Sempre juntos...sempre unidos.

Minutos mais tarde eu subia os degraus que me levariam às pessoas que eu amava e que sei que me amavam apesar de todos os meus defeitos. Meu coração estava mais leve por finalmente estar de volta. Como se avisada da minha chegada, a porta foi aberta e minha mãe, ao me ver, levou a mão ao peito.

—Daniel!

—Estou de volta, mãe. Se ainda existir um lugar para mim.

Ela apenas abriu os braços para me acolher e eu me encolhi em seus braços feito um menino. Bem que ela costumava dizer que um filho, seja em que idade for, sempre vai caber no abraço dos pais.

— Sempre vai existir lugar para você, meu querido. Ah Daniel...

Ela me apertou em seus braços, agora aos prantos, o corpo sacudido por soluços. Apesar de saber que ela estava feliz em me ver, não gostei de vê-la chorando de maneira quase desesperada.

— Está tudo bem, mãe...já estou bem só de estar de volta aqui.

—Não sabíamos que teria alta hoje.

Falou se afastando um pouco e passando a manga do vestido no rosto.

— Eu também só soube ontem à noite, mas preferi fazer uma surpresa.

— E foi uma surpresa maravilhosa. Venha...entre.

Eu a segui e coloquei a mala no chão da sala, olhando ao redor com um sorriso novo. Era bom demais estar aqui.

—Rezei tanto para esse dia chegar logo, meu filho. E aqui está você.

—Aqui estou eu... Novamente. Mas aonde está o pai?

—Ele foi ao mercado. Queria comprar um vinho. —Ela enrubesceu e eu ri remexendo as sobrancelhas. —Pare com isso, Daniel. Só íamos brindar o

ano novo. E agora com você em casa vai ficar bem melhor.

— Nada disso. Vou deixar os pombinhos a sós.

— Pare.

Eu ri e a abracei de novo deixando um beijo em sua cabeça.

—Mas é sério. Eu quero ir até a praia... Como todos os anos ainda que ela não esteja comigo.

— Tudo bem então. Agora venha comer alguma coisa. Deve estar faminto.

Só então eu percebi que realmente estava faminto. Meu pai chegou assim que me sentei para o almoço tardio. Ficou tão emocionado quanto minha mãe, me pegando em um abraço sufocante.

Eu sei que ele se sentia culpado por eu ter regredido um pouco depois de ele ter me contado o que sabia sobre a vida de Anika. Mas eu não o culpava de nada. Ele estava certo em pensar que eu deveria saber enquanto ainda estava na clínica. Mas agora eu só queria desfrutar da companhia dos meus pais. Nos meus erros eu pensaria depois.

∞∞∞∞

Abraçados na varanda de casa, meus pais e eu nos despedíamos de mais um ano. Claro, ainda era cedo, mas eu planejava passar algumas horas na praia, permitindo que meus pais tivessem seu momento a sós como percebi que planejavam. Minha mãe só faltou implorar para que eu não ficasse ofendido, mas nem era necessário. Eu, mais do que ninguém, sabia o quanto precisavam daquele momento. E no fundo eu os invejava. Tantos anos juntos e souberam o cultivar o amor, o respeito e a cumplicidade. Agora eu me perguntava se teria a chance de viver isso ao lado de Mel.

—Feliz ano novo, filho. Esse ano que se inicia só lhe trará coisas boas. Eu sinto isso.

—E não é apenas porque sua mãe sente... é porque você merece, Daniel.

Eu estava de pé entre os dois, com os braços em volta dos ombros de cada um. Então girei a cabeça dei-xando um beijo na de minha mãe e depois de meu pai.

—Vou batalhar para isso, pai.

—Como sempre foi. Não deixe que alguns erros diminuam o que você é, filho. Sabe, o pior erro de uma pessoa é não reconhecer que errou. É não se arrepender.

—Eu sei. Bom... Feliz Ano Novo para todos nós.

—Para todos.

Os dois responderam juntos e eu os beijei novamente antes de me despedir. Ainda eram nove da noite, mas mesmo assim eu caminhei lentamente pelas ruas da cidade até chegar à praia que já estava bem movimentada. Andei mais um pouco e tirei meus tênis, me sentando na areia e observando o mar.

Tanta coisa para consertar... eu sei que meu caminho seria longo e para ser sincero, não temia isso. Eu quebrei algo importante em meu relacionamento com Mel que era confiança. Não posso esperar que ela confie em mim cegamente como antes, porque acre-dito que se eu estivesse no lugar dela, provavelmente também demoraria a confiar novamente. Era um processo lento, que exigia cuidado, atenção, devoção... sinceridade.

Além de buscar resgatar meu casamento, ainda havia meu emprego. Eu sequer sei se ainda tenho um emprego depois de tanto tempo afastado. Pelo que minha mãe disse, as portas estariam abertas para mim no momento em que me sentisse apto a voltar. E eu queria voltar... gostava do que fazia.

Encolhi minhas pernas junto ao peito, apenas observando as ondas um pouco revoltas, a água por vezes furiosas chegando até meus pés. As pessoas passavam por mim, mas eu não prestava atenção. Quando comecei a

fazer meditação e yoga na clínica, fui meio cético, não acreditando que uma pessoa era capaz de deixar a mente livre de qualquer pensamento. Mas agora eu conseguia isso e a paz que eu sentia era algo realmente prazeroso.

Perdi a noção do tempo e só quando percebi que algumas pessoas tropeçavam em mim, finalmente me levantei, conferindo as horas no relógio de pulso. Eu evitei meu celular porque sabia que não ia resistir e ligar para Mel. Eu precisava ouvir sua voz pelo menos. Mas eu não faria isso no último dia do ano. Ela não merecia ser importunada dessa forma.

Eu me afastei seguindo em direção à pedra onde sempre ficávamos. Vinte e três horas e cinquenta e oito minutos. Tantos anos seguindo o mesmo ritual e agora eu estava aqui... sozinho. Foi inevitável não pensar em nossa primeira virada de ano juntos, quando a pedi em namoro. Há seis anos... e meu amor, minha paixão por ela somente aumentava.

Fechei meus olhos quando senti meu corpo trêmulo, o peito sacudindo por soluços e as lágrimas que deslizaram pelo meu rosto ao mesmo tempo em que os fogos começaram a pipocar no céu. Mas a única imagem em minha mente era o rosto sorridente de Mel, e o único som era o de sua doce voz, repetindo as mesmas palavras que eu.

—Feliz Ano Novo, meu amor.

Capítulo 9



Janeiro/2009

Eu corri... Corri feito um desesperado sem pensar muito no que fazia. Para que pensar se eu só precisava agir? Certo, talvez eu tenha enlouquecido de vez, mas tudo o que eu precisava no momento era ver Mel. Assim que eu soube que ela estava de volta não pensei duas vezes e sai de casa, sem ao menos me preocupar em colocar um calçado. Eu só queria vê-la nem que fosse de longe.

E por isso eu corria feito um louco, pouco me importando com as pessoas que me olhavam desconfiadas e curiosas. Até que eu cheguei e parei.

Meu coração batia acelerado e eu não conseguia segurar as lágrimas que escorriam livremente pelo meu rosto. Parado à alguns metros da casa, eu observava o jardim florido e colorido. Não sei explicar o que houve, mas parece que com a chegada da primavera algo renasceu dentro de mim. Algo como... esperança.

Meu coração ainda apaixonado imaginou diversas situações. Ela me olhando ainda magoada e fechando a porta em minha cara. Ou ela se jogando em meus braços e dizendo que perdoava. Ou encontrando a casa vazia indicando que ela se fora para sempre.

Mas em momento algum aquela imagem passou pela minha cabeça. Eu jamais poderia imaginar isso. Sentada no banco de madeira em meio às flores onde tantas vezes namoramos, ela olhava para o horizonte enquanto acariciava seu ventre proeminente. Grávida. Lindamente grávida. E eu sequer sabia se ainda existia espaço para mim em sua vida.

—Mel... Mel.

Eu chamei emocionado, mal acreditando em meus olhos. Ao ouvir minha voz ela girou a cabeça e me encarou. Linda... Muito mais linda do que eu me lembrava. Então ela se levantou ainda me olhando...e caminhou até a porta, a fechando em minha cara, me deixando do lado de fora.

—Mel!

Eu gritei desesperado... E abri meus olhos me de-parando com o céu escuro acima de mim. Eu me sentei imediatamente olhando para os lados e vendo algumas pessoas ali ainda comemorando a chegada do novo ano. Passei as mãos no rosto tentando me situar. A solidão se abateu sobre mim poucos minutos depois da meia noite. Pensei em voltar para casa, mas não queria atrapalhar meus pais, então resolvi caminhar pela orla até que encontrei uma loja de conveniência aberta, onde comprei um espumante e comemorei sozinho. A bebida não era grande coisa e eu, que sempre fui fraco para qualquer uma delas e ainda depois de tanto tempo sem beber, a-cabei sonolento e me deitei na areia onde dormi e tive aquele sonho.

—Meu Deus...parecia tão real.

Não pude evitar sorrir meio sonhador. Era meu sonho ver Mel grávida do meu bebê. Será que um dia eu teria esse sonho realizado? Conferi as horas e me levantei ao ver que o relógio marcava três e meia da manhã. Eu caminhei até o mar e sem me importar com o frio ou com minhas roupas, me atirei em suas águas geladas.

Durante todo o período turbulento e sombrio, eu nem ao menos estava passeando com Mel pela praia como gostávamos de fazer. A sensação de estar aqui novamente era até um pouco libertadora. Era como se me lavasse por inteiro e tirasse toda a imundice que eu trazia em mim.

Não sei quanto tempo fiquei ali, olhando para o céu, perdido em pensamentos, ansiando pelo momento em que enfim eu pudesse me sentir livre de tudo aquilo que oprimia meu peito. Mas sai dali um pouco revigorado. Tirei a camisa e torci retirando o excesso de água, ignorando o grupo de garotas que estava por ali fazendo comentários numa tentativa de flerte. Talvez pela posição em que eu me encontrava, elas não tenham percebido o grosso aro dourado em meu dedo. Ele não sairia dali enquanto eu estivesse vivo.

Voltei para casa caminhando um pouco mais rápido, afinal o frio começava a aumentar, ainda mais com as roupas molhadas. Entrei silenciosamente em casa e notei pelo silêncio que meus pais já estavam dormindo. Fui para o meu quarto e peguei minhas coisas para um banho quente. Tentei ao máximo não fazer muito barulho, mas não adiantou pois enquanto estava sob a ducha ouvi a batida na porta.

—Daniel? Está tudo bem, meu filho?

—Sim, mãe. Não se preocupem, estou apenas tirando a areia do corpo.

Achei melhor não dizer que entrei no mar ou seria bem capaz de ela querer fazer um chá ou chocolate quente.

—Tem certeza?

—Sim, mãe. Por favor... Vá descansar e não se preocupe.

—Tudo bem. Boa noite.

—Boa noite.

Eu saí poucos minutos depois e vesti uma camisa de malha e calça de moletom. Não sentia sono, por isso peguei meu celular e conectei o fone de ouvido. Fiz a seleção das músicas que Mel e eu costumávamos ouvir e me deitei. Automaticamente meus dedos deslizaram pela tela clicando sobre o telefone. Coloquei o aparelho sobre o peito controlando a vontade de ligar para Mel. Se eu pelo ouvisse sua voz, mas nem isso. Quanto tempo! Que saudade eu sentia dela!

Estiquei a mão até o criado ao lado da cama, pegando o porta retrato com a foto de nós dois. Nosso primeiro Natal juntos e que meu pai fez questão de registrar. Minha mãe nunca permitiu que eu levasse essa foto. Nosso sorriso era autêntico, feliz. Ali, eu ainda não tinha me dado conta do quanto eu amava essa mu-lher.

Eu não sei em que momento o sono me alcançou, mas quando acordei minha cabeça doía levemente. Ao conferir as horas vi que ainda eram oito da manhã, o que talvez justificasse a dor. Isso sempre acontecia quando eu dormia pouco. Até tentei dormir novamente, mas ouvia os sons dos meus pais pela casa, então decidi me levantar.

Fui até a janela e afastei as cortinas. Apesar do céu claro, não havia dúvida quanto a temperatura lá fora. Sai do quarto e fui direto para a cozinha, de onde vinha o cheiro gostoso de café, chocolate e canela.

—Bom dia pai... mãe.

Falei já puxando uma cadeira, mas parei olhando para os dois que pareciam assustados.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

—O que? Não... Não aconteceu nada.

—Tem certeza?

—Sim, filho. Sua mãe só ficou preocupada ontem a noite depois que você chegou.

Meu pai respondeu rapidamente dando um tapinha em minha mão.

—Eu disse que estava bem, mãe.

—Eu sei. Mas pensei que talvez estivesse com fome ou quisesse um chocolate antes de dormir.

Realmente eu tinha comido muito pouco ontem, mas meu apetite não andava lá muita coisa, então nem me dei conta disso. Mas agora sentindo o cheiro de café e bolo, meu estômago se manifestou.

—Não quero que fique se preocupando comigo. Nenhum dos dois. A última coisa que quero é causar preocupação. Acho que já fiz isso demais nos últimos meses.

—Uma mãe nunca deixa de se preocupar com seu filho.

Eu apenas sorri e balancei a cabeça enquanto me servia. Meu pai estava muito quieto e eu me perguntei se isso era resultado da noite quente dos dois. Apertei meus lábios para não sorrir maliciosamente.

— Como foi na praia, querido? Muito cheia?

—Como sempre foi lindo. Pena que dessa vez... Estava incompleto.

Certamente eles entenderam o que eu queria dizer com isso, mas nada disseram. Entretanto eu continuei notando as atitudes um tanto contida dos dois e tentei decifrar o que poderia ser já que eles insistiam em dizer que não era nada.

Porém, no momento em que eu estava escovando meus dentes algo estalou em minha mente. Eles estavam conversando comigo quase cautelosamente e as vezes davam a impressão de estarem sondando alguma coisa. Mel! Só podia ser isso. Ela estava de volta.

Não ousei perguntar nada a eles e corri para o quarto calçando os tênis e vestindo um casaco. Pouco me importava se ainda usava a roupa com a qual

dormi, eu só precisava tirar essa informação a limpo.

—Vai sair?

Meu pai perguntou assim que passei por ele na sala.

—Sim. Vou caminhar um pouco. Não me demoro.

Eu saí apressado com medo que meu pai tentasse me impedir de sair, embora eu não conseguisse justificar esse pensamento. A troco do que ele me impediria? Andei apressado e à medida em que caminhava mais aumentava minha certeza de que Mel estava de volta. não sei explicar, mas de repente era como se eu sentisse sua presença.

Quando dei por mim eu já corria pelas ruas até chegar ao império.

—Mel!

Gritei ao me aproximar da casa. Estava completamente fechada.

—Merda.

Esbravejei por nem ao menos me lembrar de pegar mi-nhas chaves. Mas uma coisa era certa. Girei e voltei a correr dessa vez com destino a casa dos pais dela. Sei que eu parecia um louco, correndo desse jeito sem ter certeza de nada. Aliás por que ela não iria para o império? Mesmo assim continuei correndo.

E quando cheguei perto da nossa antiga casa eu senti meu coração disparar com tanta força que ofeguei e meu corpo inteiro começou a tremer. Isso porque eu vi a janela de nosso quarto...aberta. Mesmo trêmulo eu corri fazendo a volta e parando a frente da casa.

Foi como se todas as cores se juntassem diante dos meus olhos. Eu fiquei parado, tremendo da cabeça aos pés vendo a mulher sentada na velha cadeira de balanço que pertenceu ao seu pai. A minha mulher. Senti um aperto estranho em meu peito...e dor. Apertei a camisa com força ali...do lado direito, meus dentes trincados numa tentativa de segurar meu grito. Eu queria me mover, correr até ela e me jogar aos seus pés.

Mas eu parecia preso ao chão e por mais que meu cérebro ordenasse minhas pernas e minha voz não obedeciam. Eu até tentei e abri a boca, mas então eu vi um sorriso se desenhando em seus lábios ao mesmo tempo em que ela colocava a mão sobre a barriga erguendo sua blusa.

Eu acompanhei o gesto em transe...e ofeguei novamente. Eu conhecia o corpo da minha mulher como a palma da minha mão e posso afirmar que aquele pequeno volume, como se fosse um ovo, um inchaço...não existia antes. Imediatamente as imagens do meu sonho vieram à minha mente.

Foi o que bastou para despertar meu corpo... Corri e parei a frente dela que nesse momento percebeu minha presença e abriu os olhos. E eu? Eu caí de joelhos a frente dela, chorando copiosamente com os olhos fixos em sua barriga. A verdade gritando em minha mente. Pai. Eu era pai! Como se aquela palavra me impulsionasse, meus braços se esticaram na direção dela com a intenção de tocar sua barriga e... Não! Eu não tinha esse direito. Mel era doce, meiga...e nosso bebê era puro. Eu não era digno de toca-los.

Meus braços caíram ao longo do corpo e eu abaixei minha cabeça, meu corpo tomado por incontrolláveis soluços. Eu percebi quando Mel se mexeu e ergui a cabeça. Os olhos dela brilhavam marejados...e ela esticou a mão em minha direção. Pegou a minha, me fazendo estremecer...e colocou sobre sua barriga.

Milhões de sensações explodiam dentro de mim naquele momento. Felicidade, medo, dor... esperança. Eu chorei mais forte, quase desesperado quando a voz doce de Mel chegou aos meus ouvidos.

—Ei bebê... É o papai aqui. Finalmente.

Eu ergui meus olhos para ela, surpreso, incapaz de acreditar que ela estava aqui, carregando nosso filho em seu ventre. E mais. Ela não parecia me odiar, porque ela sorriu para mim com algumas lágrimas molhando seu rosto.

—É o nosso bebê, Daniel.

Capítulo 10



Janeiro/2009

Aquelas palavras explodiam em minha mente com tanta força que me vi incapaz de qualquer outra reação a não ser chorar, de joelhos, em frente à minha mulher e meu filho. Meu filho. Como Mel disse: É nosso bebê, Daniel. Meu Deus... nosso bebê. Como alguém que errou tanto podia tamanha dádiva? Eu que não me julgava merecedor sequer do olhar de Mel agora era presenteado com um filho. O filho que tanto sonhei em ter. O filho que não

merecia o pai que tinha. Pelo menos nesse momento eu não era digno de nada de bom.

Eu senti a mão de Mel empurrar a minha sobre seu ventre, percebendo que eu não esboçava reação. Tudo o que eu mais queria era acariciar não só com mi-nhas mãos, mas como encher de beijos o ventre de Mel. Porém, eu me sentia imundo...sujo, podre por dentro. Mas ajudado por ela, minha mão deslizou pela pele suave, e mesmo entre lágrimas eu esbocei um sorriso ao sentir o pequeno volume que era a prova irrefutável de que meu filho estava crescendo ali.

Eu fechei meus olhos sentindo uma onda de ter-nura e amor me invadir, acelerando meu coração e me trazendo uma inesperada paz que há tempos eu não sentia.

—Quanto tempo?

—Vou entrar no quarto mês. Foi naquele dia, Daniel... a nossa última vez juntos.

—Eu queria tanto ter estado com você ao receber a notícia.

—E eu queria você comigo.

—Está tudo bem com vocês? Conheço você e sei que está se cuidando, mas... já está fazendo as consultas?

—Sim. E na próxima você estará comigo.

Eu sorri voltando meu olhar para seu ventre. Meu filho... meu bebê e da mulher da minha vida.

—Eu senti tanto a sua falta, Daniel.

Sua voz soou ainda mais doce aos meus ouvidos ao mesmo tempo em que seus dedos se emaranhavam em meus cabelos, as pontas acariciando meu couro cabeludo numa carícia. Eu cheguei a fechar meus olhos em deleite, mas voltei a abri-los e me afastei um pouco olhando em seu rosto. O rosto perfeito que nem minhas mais frescas lembranças faziam jus. E que droga... ela não

podia, não tinha o direito de me olhar com tanta paixão, com tanto amor. Mas ela olhava e eu, como um desesperado carente pelo amor dessa mulher me deixei levar.

—Eu te amo tanto, Mel... tanto. E por mais que eu não mereça, eu quero seu amor de volta. Eu preciso de você... não sei viver sem você.

Balancei a cabeça, tentando evitar o choro, mas era quase impossível. Primeiro porque eu imaginei que es-tivesse preparado para esse encontro, mas eu não estava. Fui pego de surpresa com esse encontro. Quase não conseguia acreditar que ela estava mesmo aqui... e grávida.

—E quem disse que vai viver sem mim? Eu te amo, Daniel. Amo e não vou abrir mão do nosso amor. Eu não vou fugir, nunca mais.

Pela primeira vez eu permiti que meus olhos se conectassem diretamente nos dela. E foi como sempre... me paralisando, me fazendo estremecer. Como se ela lesse minha alma. Sua outra mão deslizou pelo meu rosto, sem nunca desviar o olhar.

—Eu já sei o que aconteceu, Daniel. Sei de tudo o que aconteceu com você e eu juro, se eu soubesse disso eu nunca teria viajado. Eu teria ficado ao seu lado.

—Que bom que você não soube. Eu jamais ia me perdoar se você tivesse desistido da viagem por minha causa.

—Você é meu marido. Na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, lembra?

—Não teria adiantado, Mel. Eu estava... quebrado, perdido dentro de um buraco escuro dentro de mim. Ficar ao meu lado só ia contaminar você com sentimentos tão ruins.

Eu coloquei minha mão sobre a dela, a sensação agradável de sua pele me fazendo arrepiar.

—Eu errei com você de tantas formas que eu nem sei por onde

começar a tentar consertar o estrago que fiz em nosso casamento.

Eu senti a dor apunhalando meu peito quando vi duas lágrimas escorrendo pelo rosto dela. Era isso o que eu mais temia. Ver o estrago que provoquei, a dor que infligi a mulher que eu amava.

—Eu devia ter percebido que algo estava errado. Aliás, eu percebi os sintomas de sua doença, mas nunca imaginei que você estava sofrendo desse mal. Por outro lado, eu sabia que você continuava me escondendo coisas. Eu sabia porque você não olhava em meus olhos como agora. Eu devia ter lutado mais...

—Você não devia nada, Mel. Não tente buscar sua culpa porque você não vai encontrar e eu não vou permitir isso. Você sempre foi a força em nosso relacionamento. Você sempre foi a que me incentivava a crescer, a lutar. Você! Sempre você. Eu fui o fraco.

Ela colocou o dedo em meus lábios, me fazendo silenciar e balançou a cabeça.

—Nunca... nunca mais repita isso. Eu não vou permitir que você diga isso de você mesmo porque não é verdade. Você está muito longe de ser fraco, Daniel. Fracas são as pessoas que erram e não assumem seus erros porque no fundo sabem que são incapazes de uma reação para consertá-los. Fracas são as pessoas que vivem em sua zona de conforto, e mesmo errando, não estão dispostas a mudar, a melhorar. Você não é esse tipo de pessoa.

Eu engoli seco, engolindo também minhas palavras porque não estava disposto a rebater nada do que ela disse. Eu não concordava com ela, é fato, mas não queria briga. Não agora que estávamos frente a frente e tínhamos muita coisa a dizer. Ou melhor, eu tinha muita coisa a dizer.

—Vamos entrar? Precisamos conversar e aqui fora não é o melhor lugar.

—Mel... por que você está aqui? Por que não foi para o império?

—Porque aquela casa foi construída pelo homem que eu amo para que

vivêssemos ali juntos, formando nossa família. E você não estava comigo. Eu só voltarei para lá quando você estiver comigo novamente.

Eu me emocionei com aquelas palavras, sem dúvida alguma. Mas como dizer a ela que eu não me sentia digno de colocar meus pés ali novamente? Eu precisava me purificar, purificar meus sentimentos, minha alma para só então voltar para lá.

Eu me levantei, segurando a mão dela e a ajudei a ficar de pé. Meu olhar deslizou de cima a baixo por seu corpo e novamente senti meus olhos marejados ao notar as mudanças. Ainda era difícil acreditar que ela estava grávida.

—Venha...

Eu a segui em silêncio, me sentindo até um pouco constrangido por estar ali. A porta foi fechada e logo ela se aproximou de mim, parando à minha frente.

—Sente-se.

Ela se sentou e eu me sentei ao seu lado, satisfeito por ela ter tomado a iniciativa e segurado minha mão.

—Como você está? Só hoje eu soube de tudo o que aconteceu. Eu já estava desconfiada de algo errado porque todo mundo desconversava quando eu tocava em seu nome. E as dúvidas aumentaram no Natal quando Natalie me disse que foram deitar mais cedo. Então quando eu cheguei ontem apenas dormi por algumas horas e depois fui até a casa dos seus pais. Só então me contaram, não em detalhes, tudo o que você sofreu.

—Você... você esteve lá em casa? Quando? Como eu não nos encontramos?

—Por volta das dez e meia da noite. Eu estive na praia primeiro, porque não estava disposta a ficar lá na virada. De lá fui ver seus pais.

—E eles falaram que fui para a praia?

—Sim. Mas eu precisei insistir. Eu senti seu perfume lá, Daniel. Eu sabia que você esteve ou estava lá. E foi assim que me contaram tudo. Eu quis ir correndo atrás de você, mas também era coisa demais para assimilar então preferi deixar para hoje.

—Você ia me procurar?

—Lógico.

—Por isso meus pais estavam tão estranhos. Eles não me disseram que você está de volta. Mas... sei lá... eu sentia que você estava, Mel. E eu também sonhei que você estava grávida, porém em meu sonho sua barriga estava maior.

—Nós temos essa conexão forte, Daniel. Isso não vai mudar, você sabe.

Nossos olhares se encontraram e eu passei a língua nos lábios, sabendo que era chegado o momento de expor todas as minhas fraquezas, todos os meus erros. Fechei brevemente os olhos, permitindo assim que algumas lágrimas escapulissem.

—Eu sinto tanto, Mel. Eu não queria que você so-fresse... nunca quis.

—Eu pensei... pensei que ainda estivesse apaixonado por ela.

—Nunca. — Falei abrindo meus olhos. —Nunca. Eu não acredito que se possa gostar de duas pessoas ao mesmo tempo. Não acredito que possa amar e me apaixonar por outra. E você está tão dentro de mim, Mel. Desde o dia em que confessei que amo você, eu nunca mais tive dúvida desse amor. Essa é a minha maior certeza. A de que amo você demais.

—Eu também te amo... e tive tanto medo de te perder.

Os lábios dela tremeram e então estávamos nós dois, aos prantos, de mãos dadas sem conseguir desviar nosso olhar, embora as lágrimas nublassem nossos olhos.

—Nunca vai me perder, porque eu não vivo sem você. Eu... quando eu

digo que sou um fraco, é por causa desse meu jeito de querer provar para todo mundo que eu consigo, que eu posso. Eu sei que só preciso provar para mim mesmo, mas... tente me entender, Mel. Eu me senti tão humilhado quando aquele velho me disse aquelas coisas. Eu voltei ao passado quando ele também me disse coisas cruéis. Eu só quis mostrar a ele que eu venci. Queria fazê-lo engolir cada ofensa. Em momento algum eu me importei com Anika ou com o que ela dizia sentir por mim porque ela já não era nada para mim.

—Mas você a amou um dia.

—Eu pensei que amei. Eu era um jovem tolo, quase adolescente ainda iludido com a ideia de ter sido escolhido pela garota mais bonita que já tinha conhecido. Talvez eu tenha sido apaixonado sim, não sei. Você sabe que nessa idade tudo tem uma dimensão bem maior do que realmente é. E eu só percebi a diferença quando descobri que amava você. Por isso, eu afirmo para você que a presença de Anika não mexeu comigo em nada. Tudo o que eu queria era provar para o pai dela que eu venci, que eu não era um vida torta.

—Em algum momento você ponderou deixar o projeto, como eu pedi a você?

—Sim. Porque em determinado momento eu percebi que a estúpida opinião dele não influenciava em nada a minha vida. Eu decidi que ia repassar o projeto e que íamos viajar conforme planejamos. Mas então ao chegar à construtora eu ouvi uma conversa entre Anika e o pai dela.

Eu balancei a cabeça, tentando afastar aquelas palavras da minha mente, mas eu sabia que teria que dizê-las. Eu não ia esconder nada de Mel. E era muito fácil repeti-las. Ainda estava gravada em minha mente. Ela não tirou os olhos dos meus enquanto eu repetia palavra por palavra. Não esboçou reação então eu dei de ombros.

—Naquele momento eu fui tomado por um sentimento vergonhoso. Vingança. Eu fiquei furioso porque aquela... porque Anika estava planejando me reconquistar dizendo um monte de mentiras. E os dois estavam lá rindo de mim.

—Isso mexeu com seu ego, com seu orgulho? Saber que ela não o amava de verdade?

Eu a encarei com a testa franzida pensando naquela pergunta. Mel me fazia bem. Ela não me julgava, não apontava o dedo, apenas tentava tirar suas dúvidas, fazendo com que eu falasse tudo o que deveria ser dito sem aquela pressão que massacrava meu peito. Eu realmente não imaginava que conversar com ela a respeito do que quase destruiu nosso casamento pudesse ser tão... leve.

—Não... nem um pouco porque eu já disse que a presença dela não me abalou. Eu fiquei furioso por saber que os dois estavam tramando às minhas costas e que ela, Anika, estava querendo me fazer de otário, mesmo sabendo que eu era casado. E eu me perguntava como pude um dia pensar que amei aquela mulher? Os sentimentos foram se misturando e quando dei por mim, eu só queria pagar na mesma moeda. Eu queria que Anika achasse que tinha conseguido me reconquistar. Queria que ela pensasse que eu a amava e que ia me separar de você.

Eu ri, envergonhado, baixando a cabeça e depois passando a mão em meu rosto e no cabelo. A outra mão ainda estava bem segura na de Mel.

—Olhe para mim, Daniel. Olhe dentro dos meus olhos como sempre fez e como deixou de fazer por um tempo.

Eu fiz o que ela pedia porque não havia nada a esconder. E agora, mais do que nunca eu queria que ela lesse minha alma.

—Era por isso que você não olhava mais em meus olhos como está fazendo agora. Porque você sabia que eu não ia compactuar com isso e tentaria dissuadir você dessa ideia. Eu teria lido seus planos em seus olhos, como leio sua vergonha agora.

—Sim. E depois eu vi que estava magoando você. Pior, eu estava perdendo você. Eu não sabia mais o que fazer, dividido entre a razão e meu ódio, meu desejo de vingança. E naquela manhã em que fizemos amor... meu Deus... você chorou. Eu sentia que era uma despedida. E eu resolvi acabar com tudo aquilo. Jogar tudo para o alto e me ocupar apenas em fazer você

feliz. Mas aí...eu surtei.

—E eu queria que alguém tivesse me dito isso. Não importa o que estava fazendo, o que estávamos vivendo, as mágoas que estávamos sentindo... eu estaria ao seu lado porque eu te amo. Nós prometemos cuidar um do outro, Daniel. Eu não podia ter ficado no escuro.

—Foi melhor, Mel. Você não podia sofrer mais do que eu já tinha feito sofrer.

—Mas eu sofri! —Ela gritou, soltou a mão da minha e escondeu o rosto entre elas. — Eu sofri pensando que você amava a Anika. Sofri pensando que você passava as noites de inverno com ela fazendo o mesmo que fazia comigo. Abraçando, beijando, carregando no colo... fazendo amor com ela. Eu sofri, droga. Porque eu acreditei que mesmo me amando, você poderia ter se apaixonado de novo por ela.

—Perdão, Mel... sei que não mereço, mas por favor, me perdoa. Eu daria minha vida para que você não so-fresse. Mas eu... eu fui fraco e você sabe disso.

Eu a puxei para os meus braços e novamente nós dois choramos, dessa vez sem reservas, sem contenção, deixando que nosso choro libertasse todas as nossas angústias. Depois, mais calmos, eu toquei seu ventre, preocupado com nosso bebê e com ela.

—Está tudo bem.

Falou colocando a mão sobre a minha. Quando me encarou, eu passei os dedos em seu rosto, secando suas lágrimas e ela fez o mesmo comigo.

—Eu não vou julgar você. Jamais faria isso. Sim, eu sofri, mas eu sei que você também sofreu. Eu não vou apontar meu dedo e dizer que você foi fraco, porque você não foi. Eu não vou dizer aquela frase que eu odeio: Que você deveria ter agido diferente. Ou que se fosse eu, eu teria agido diferente. Isso é ridículo e eu odeio. Porque aquela rejeição, aquela humilhação e desprezo foi você quem sentiu, Daniel. E só quem sente na pele sabe como é difícil agir diferente. Talvez em algum momento, como você mesmo disse,

você tenha tentado ignorar. Mas quem nunca desejou se vingar de alguém por algum motivo? Todo mundo já sentiu isso uma vez na vida. Isso se chama... ser humano. Humano com emoções conflitantes, com erros, com falhas, com fraquezas, mas principalmente... com a capacidade de admitir que errou. Com a capacidade de começar tudo de novo e fazer diferente. Isso foi você, meu amor.

—Mel...

Eu estava tão impactado com aquele discurso, que apenas sussurrei seu nome, a garganta embotada pelo choro, pela emoção de saber que aquela mulher incrível estava ali, não julgando meus erros, praticamente me dando uma absolvição que nem eu mesmo conseguia me dar.

—Eu te amo e para mim você é o homem mais forte, mais íntegro e mais honesto que existe. Você tem seus defeitos, que eu não preciso dizer quais são, assim como eu tenho os meus. Mas você tem qualidades tão incríveis, Daniel... que eu sou sim capaz de conviver com seus defeitos. E sou capaz de continuar amando você.

Ela disse isso tocando meu rosto e se aproximando mais de mim. Quando nossos lábios se reencontraram, eu ouvi um gemido, um grunhido de lamentação e li-bertação. Eu explodi por dentro, vivo. Era como se o toque daquela boca pudesse me trazer de volta à vida. Eu a puxei pela cintura e Mel jogou os braços em volta do meu pescoço, se levantado um pouco e sentando em meu colo. Aflito, empurrei minha língua para dentro de sua boca, já encontrando a dela, ansiosa, se enroscando na minha e provocando ondas de prazer em meu corpo.

Mel se agarrou aos meus cabelos, me beijando com força, mordendo meus lábios e depois passando ao meu pescoço, mordendo e chupando. Eu sabia que deixaria sua marca ali, mas quem disse que isso importava? Eu a tinha novamente em meus braços e isso era bem mais do que eu merecia.

—Que falta eu senti de você, Daniel...

—Eu também, amor... muita saudade de você.

Mel se afastou, deixando vários selinhos em minha boca e parou com o rosto a centímetros do meu.

—Daniel... eu sei que isso vai doer em você. Eu não queria, juro, mas é preciso.

Eu engoli seco, porque eu já sabia o que viria.

—Alguma vez você procurou saber sobre Anika? Sobre a vida dela?

—Nunca. Depois que ela me deixou eu conheci você, Mel. E descobri um novo motivo para viver.

Ela sorriu e beijou a ponta do meu nariz.

—Eu estava morrendo de medo de perder você, então, é claro que eu queria conhecer a mulher que estava me roubando você. Eu pesquisei sobre ela e... eu sei que seus pais também contaram algumas coisas a você. — Ela suspirou pesadamente. — Precisamos falar sobre Anika, Daniel.

Capítulo 11



Janeiro/2009

Aquele não era um assunto que eu queria tratar. Preferia não ter que passar por isso, mas daí eu seria mais uma vez um covarde. E eu estava cansado de mostrar meu lado fraco para Mel. Ela não precisava desse tipo de pessoa ao seu lado. Tudo bem, estou sendo um pouco exagerado. Não é que eu queira fugir do assunto eternamente. Eu só não queria falar disso no momento tão especial em que reencontrei minha esposa. Por outro lado,

quanto mais cedo eu fizesse isso, mais rápido tiraria o peso de mais essa vergonha de minhas costas.

—Eu fiquei muito enciumada. Muito mesmo. Mas também fiquei preocupada porque eu amo você e tudo o que mais queria era que você fosse feliz, ainda que não fosse comigo. Eu queria descobrir se Anika era mesmo merecedora do seu amor. Então eu pesquisei na internet.

Franzi minha testa, um tanto surpreso. Era até estranho pensar em como eu nunca me preocupei em saber nada a respeito dela depois que terminamos. Estava tão óbvio que aquele sentimento não era amor, mas eu era jovem e tolo demais para perceber isso. E não era somente isso. Eu levei um belo chute, sai, me embabedei e conheci Mel. Talvez tenha sido intencional, mas ela manteve minha mente ocupada o bastante.

—Não havia muita coisa, exceto sua breve vida de modelo. Eu achei realmente estranho e então continuei procurando. E foi então que encontrei em um blog algumas informações que me deixaram realmente perplexa. Eu sei que seus pais não contaram isso a você porque nem mesmo eles sabem. Eles me disseram o que informaram a você então...

—Espere. Quer dizer que tem algo a mais do que me falaram?

—Nesse blog havia uma reportagem um tanto especulativa, é verdade, mas uma fonte informava que Anika abandonou a profissão por causa das inúmeras cicatrizes em seu corpo. Não havia como esconder aquilo. A tal ex colega de profissão chegou a falar em violência doméstica, mas tudo isso foi negado por Anika, a princípio.

—Violência doméstica? Mas praticada por quem?

—Eu não fazia ideia. Pensei que pudesse ser o cara... aquele que você viu com ela

—O escolhido para ser marido dela.

—Isso. Anika negou, mas havia uma foto meio borrada das cicatrizes dela, principalmente nas costas. E nessa mesma reportagem, uma pessoa que

obviamente não se identificou garantiu que atendeu Anika muito machucada. E foi só então ela confessou que foi vítima de violência, mas se negou a acusar a pessoa. Tudo isso foi abafado e sinceramente eu nem sei como aquele blog ainda está no ar. Acredito que ela, ou o agressor tenha impedido a veiculação da notícia através da justiça.

Engoli seco sem saber o que dizer. Nunca mais pensei em Anika, mas era estranho saber que uma ga-rota tão cheia de atitude pudesse ter sofrido tal tipo de abuso.

—Mas você acreditou nisso mesmo sabendo que não havia nada comprovado? Você parece ter se solidarizado com ela.

—Essa não é bem a palavra. Na verdade, eu passei a acreditar que ela não era má pessoa quando li que tudo o que ela recebia era doado para hospitais e instituições de caridade.

—Sério?

Aquilo foi realmente uma surpresa para mim. Se assim como o pai dela, Anika fazia tanta questão de di-nheiro, por que doava tudo? Seria marketing? Ao meu lado Mel riu acariciando minha mão. Eu estava casa vez mais confuso. Parecia que existiam duas pessoas dife-rentes em Anika.

—Sei o que está pensando, mas não acho que seja marketing. Eu...eu encontrei Anika no aeroporto quando estava voltando para cá. Sabe, eu não me orgulho do que fiz. Ela percebeu que eu estava grávida e eu fui logo a acusando, julgando. Eu disse que não ia permitir que ela afastasse você de nosso filho.

—O que? Mas por que disse isso?

—Ora, por que! Eu pensava que estavam juntos, Daniel. Ninguém me contou nada e eu não conseguia falar com você. Pensei...pensei que estava feliz vivendo sua paixão. Desculpe.

Eu não me contive e segurei o rosto de Mel, beijando sua boca e sentindo o gosto salgado das minhas lágrimas.

—Perdão... perdão, amor. Eu não podia ter feito você sofrer tanto assim.

—Está tudo bem, meu anjo. Eu estou bem agora. Mas naquele dia eu senti muita raiva dela. Porém, ela foi a única a me dar alguma luz.

—O que ela disse?

Com seu toque suave, Mel acariciou meu rosto e me beijou levemente antes de me pegar de surpresa com suas palavras.

—Primeiro ela me perguntou o que não estavam me contando. E eu perguntei o que ela queria dizer com aquilo. Então ela me revelou que sempre amou você, Daniel. Mas que por motivos que ela não poderia dizer naquele momento, teve que fingir e magoar você, assim como precisou fingir quando se reencontraram.

Eu ia tentar argumentar, expor fatos que contradi-ziam o que ela disse, entretanto, Mel colocou o dedo em meus lábios me impedindo de falar.

—Eu vi a verdade nos olhos dela. Ela realmente amou você e eu arrisco a dizer que ainda ama. E então ela deixou algumas lágrimas escaparem e desejou que fôssemos felizes. E disse, olhando dentro dos meus olhos que você não sentia nada por ela. Que o seu coração estava comigo.

—Mas eu sempre te disse isso.

—Eu sei. Mas entenda meu lado também.

—Eu entendo. —Falei depois de um longo suspiro. —É claro que entendo. Depois de tudo o que fiz, é realmente uma sorte que você acredite em meu amor.

—Agora você me olha diretamente. Fica fácil perceber.

—Mas eu ainda não entendo o que isso tem a ver com a história que meus pais me contaram.

—Não? Pense um pouco.

Eu já sabia que meus pais tinham contado tudo a Mel então apenas repassei mentalmente tudo o que me foi dito dias atrás.

Lembranças

—Filho, eu suspeito que tem algo de grave acontecendo naquela família.

—Grave? Como assim?

—Primeiro uns amigos andaram me contando certas coisas a respeito do Ener. Coisas que me deixaram realmente assustado. Mas então, depois disso...você sabe que havia um sobrinho da senhora Ebner morando com ela, não é?

—Sim, mas creio que só o vi uma vez.

—Os dois não saem de casa. Mas um dia eu estava fazendo uns reparos na varanda de casa e vi o garoto. Ele parece ter algum tipo de deficiência, sabe?

—Física? Não notei, pois, só o vi pela janela.

—Não. Mental. Ele me pareceu assustado, perdido. Eu me aproximei e perguntei se estava tudo bem, mas ele não respondeu. Perguntei aonde estava a senhora Ebner e novamente ele não respondeu, mas olhou em direção à casa. E foi então que eu percebi um papel na mão dele. Eu o peguei e li.

Eu me remexi meio inquieto. Meu pai sempre foi um bom contador de histórias, mas esse suspense não estava me agradando. Havia algo de podre ali, eu podia sentir.

—Estava escrito socorro.

—O que?

Eu gritei o coração disparado pelo susto.

—Eu não pensei em nada. Apenas corri para a casa dos Ebner... E o que vi foi horrível. A senhora Ebner estava muito machucada, caída no chão e amarrada. Mesmo fraca eu admirei sua força para ainda conseguir escrever um pedido de Socorro. Meu Deus... Eu não vi nenhum empregado por perto. Estavam os dois sozi-nhos ali. Ela fedia a urina e sangue.

—Mas pai... O que diabos aconteceu?

—Eu chamei uma ambulância e a polícia. Ela não falava coisa com coisa e desde então aquele velho maldito desapareceu.

—Está me dizendo...que ele fez isso com a própria esposa?

Meu pai abaixou a cabeça e assim ficou por um bom tempo. Quando a ergueu novamente havia lágrima em seus olhos.

—Ela disse isso. Mas todos achavam que ela estava delirando. E realmente era o que parecia. Ela chorava, às vezes gritava muito. E piorou ainda mais quando, entre várias palavras desconexas, ela pediu para protegerem o garoto... e disse que ele era filho de Anika com o próprio pai

Fim lembranças

Capítulo 12



Janeiro/2009

O que mais eu poderia dizer? O que mais faltava acontecer para aumentar minha culpa e fazer com que eu me sentisse mais lixo do que já estava? Todas aquelas informações rondavam minha mente e cada pensamento me massacrava. Como eu pude me entregar a sentimentos tão ruins? Como eu pude deixar que o ódio, a raiva, a mágoa e o desejo de vingança se sobrepusessem aos sentimentos bons que sempre trouxe dentro

de mim? Eu não tinha explicação, bem como não tinha como voltar atrás, mas isso não era suficiente para aliviar a culpa.

—Pare com isso, Daniel. Você não tem culpa das coisas que aconteceram com Anika.

—Você não entende, Mel? Eu não me culpo pelas coisas que aconteceram na vida dela... eu nem tenho motivos para isso. Eu me culpo pelo que eu pensei em fazer a ela. Eu me culpo por a ter julgado sem nem ao menos me preocupar em conhecê-la de verdade. Por que em todo o tempo que eu disse que a amava, eu nunca me preocupei em saber nada de sua vida. Eu só dizia que a amava e queria ficar com ela. O que eu sabia sobre ela? Que era uma garota linda e rica, que o pai não me aceitava. E só.

—Mas não pode pensar dessa forma também. Nós só conhecemos das pessoas a parte que elas nos permitem conhecer. Se Anika era realmente uma garota bacana e apaixonada por você, ela não permitiu que você conhecesse esse lado.

—Eu sei, Mel, eu sei. O que me atormenta é saber que eu a julguei, entende? Quantas vezes nós conversamos sobre isso? Sobre o quanto é... podre a gente julgar alguém sem saber a outra parte da história? Quantas vezes você e eu não dissemos que nunca deveríamos apontar o dedo e achar que o nosso pensamento é o correto e não o do outro? Para falar a verdade, eu aprendi isso com você, Mel. Ou pensei que tivesse aprendido, mas acabei agindo assim. Você acha que eu ia gostar se alguém julgasse meus atos sem realmente saber o que há por trás das minhas ações?

Ela ficou um bom tempo apenas me encarando, provavelmente pensando a respeito das palavras que jorraram sem controle de minha boca. Eu sentia nojo de mim toda vez que pensava que agi de forma tão prepotente, me achando o dono da razão. E claro, nojo de ter me tornado uma pessoa amarga e vingativa.

Mel apertou minha mão, seus olhos buscando incansavelmente pelos meus. E diferente das outras vezes, eu não fugi do seu olhar. Eu nunca mais fugiria daqueles olhos.

—É quase como se eu conseguisse enxergar a sua alma, Daniel. Eu consigo sentir toda sua tristeza, toda sua decepção consigo mesmo. Mas eu só quero que entenda uma coisa. Todos nós, um dia vamos errar. Eu já te disse isso. Errar faz parte do ser humano. Mas, meu amor... o que você faz, a forma como você age após esses erros é que dirá quem você realmente é. O principal e talvez o mais difícil você já fez, que é reconhecer que errou. Sinceramente? Eu ia ficar me perguntando se você é um homem digno de meu amor se não tivesse reconhecido seus erros. Mas meu Deus... você sente vergonha de tudo, porque você sabe que tudo o que fez são sentimentos e ações negativas. Você se arrepende. E reconhecer, se arrepender e querer mudar é a coisa mais linda que um ser humano pode fazer.

Eu fechei meus olhos e deixei que minhas lágrimas rolassem pelo meu rosto. Eu concordava com tudo o que ela disse, mas então por que era tão difícil perdoar a mim mesmo? Como se, mais uma vez adivinhasse meus pensamentos, Mel acariciou meus cabelos quando deitei a cabeça em seu ventre.

—Você precisa se desculpar com Anika. Só assim você vai se livrar dessa culpa.

—Não só com ela. Principalmente com você e meus pais. Vocês nunca mereceram tudo o que fiz.

—Você já me pediu perdão e eu já o perdoei antes mesmo que fizesse isso, Daniel. Eu amo você.

Ela me empurrou para que nossos olhos se encontrassem novamente.

—Eu conheço o homem pelo qual me apaixonei. Ele se perdeu por causa de alguns sentimentos ruins e furtivos, mas já passou.

—Eu também amo tanto você, Mel. E é por isso que não consigo me perdoar. Como alguém que diz amar tanto consegue ferir com a mesma intensidade? Amor não pode ser algo que provoca dor.

—Não. O amor não devia provocar dor. Acontece que nós, como seres imperfeitos que somos, não viemos ao mundo somente com a capacidade de

amar. Temos a capacidade de amar, de odiar, de vingar, de julgar..., mas principalmente temos a capacidade de arrepender, mudar e fazer muito melhor. E eu sei que você fará isso porque está dentro de você. Ser uma pessoa boa é o que você é.

Mel se inclinou um pouco e me beijou, e eu, como apaixonado e ávido por seu amor, não recusei. Ela era um sopro de conforto em meu espírito tão atribulado. Era minha força... sempre foi. E por ser a base de tudo o que construímos é que eu não conseguia me perdoar. Era para ela, meu sol, que eu deveria ter corrido em busca de socorro quando meus dias se tornaram tão nublados.

—Olhe... tente não pensar nessas coisas agora. Você não tem como conversar com Anika agora, mas se eu não estiver enganada e ela realmente ainda te amar, ela vai entender e perdoar você. Você sempre disse que eu pareço ter um dom para ler as pessoas e... quando pude ficar cara a cara com ela, percebi que ela é uma boa pessoa, Daniel. Ela vai perdoar.

—Ela foi para Paris, não é?

—Sim.

—Mas... e a mãe dela? E o garoto?

—Eles estavam todos juntos. Depois de conversar comigo e se afastar, eu vi Anika se aproximar da mulher e do garoto. E eles estavam acompanhados por alguns homens que tenho a certeza de que eram seguranças ou policiais... sei lá. Elas estão sendo protegidas daquele monstro. Foi o que eu imaginei.

— Cristo! Como ela suportou isso? Fico me perguntando se alguma vez ela tentou pedir socorro, denunciar... sei lá.

— Medo. Conhece muito bem essa palavra. Nós conhecemos. Cada pessoa age diferente diante de situações tão terríveis como essa. Seria muito fácil dizer que ela deveria ter denunciado, fugido, pedido socorro. Mas assim como no seu caso, só quem sente na pele é capaz de dizer porque agiu de determinada maneira... ou não agiu de forma nenhuma.

— Você como sempre está certa. Tão fácil para nós ficarmos em nossa zona de conforto e achar que quem é submetido a todo tipo de tortura, principalmente psi-cológica é capaz de agir com racionalidade. O medo fala mais alto.

— Sim. Acho que essa é a grande beleza da vida. As diferenças entre cada ser humano, que os torna únicos.

Era horrível pensar naquela situação. Causava repulsa só de pensar que aquele homem horroroso pudesse ter feito tantas atrocidades com a filha e a própria esposa. Mas eu não podia fazer nada quanto a isso e muito menos tentar me desculpar com Anika agora. Tudo o que eu precisava era tirar de mim todos os maus fluidos e me dedicar a fazer minha esposa feliz.

—Vamos voltar para nossa casa, Daniel.

—Não.

Eu neguei e vi Mel arregalar os olhos, incrédula.

—Eu não estou pronto.

—Mas..., mas nós já conversamos e nos entendemos. Porra... —Ela se levantou e se afastou de mim. —O que pensa que está fazendo? Eu já disse que amo e perdoo você. Que história é essa de não estar pronto?

Eu me levantei também e me aproximei dela segu-rando sua mão, embora ela tenha feito força para se soltar.

—Não faça assim. Eu não quero brigar. Mas eu... eu ainda me sinto sujo, Mel. Eu não consigo me olhar no espelho sem sentir vergonha de mim. Não é autocomi-seração, não é me fazer de vítima. A verdade é que eu me sinto tão sujo quanto se... sei lá... como se tivesse matado alguém.

—Pare com isso.

—Eu amo você, meu amor. Eu construí nossa casa, nosso império somente pensando em fazer você feliz lá. Sempre ficava imaginando nós dois entre risos, beijos, correndo atrás de nosso filho. Alguma briga, é claro, mas

nada que nos separasse como eu fiz. Aquele lugar... é sagrado para nós, Mel. Eu preciso estar puro para voltar para lá. Por favor, tente me entender.

Ela chorava quando me abraçou apertado, e eu a abracei de volta chorando também.

—Eu sinto tanto a sua falta... tanto.

—Eu também, Mel. E não sei como fazer. Já fiquei tempo demais longe de você.

—Ficamos aqui então. Até você se sentir pronto para voltar. Só não quero ficar longe.

Eu não respondi. Mel era um anjo em minha vida e agora carregava dentro de si outro anjo. Eu não queria contaminar nenhum dos dois com energias tão negativas. Eu não sabia o que fazer. Só não queria fazer minha mulher sofrer mais do que já tinha feito.

—Vamos caminhar um pouco?

Ela falou de repente, se afastando de mim e passando as costas da mão sobre os olhos.

—Tem certeza? Está se sentindo bem?

—Não seja bobo, Daniel. Eu estou ótima e nosso bebê também.

Involuntariamente eu sorri e coloquei a mão em seu ventre.

—Mas posso esperar para vê-lo crescer.

—Vamos ou não?

Perguntou com impaciência e eu ri, imediatamente assentindo. Ainda não estava tudo bem, claro, por minha causa.

∞∞∞∞

Era como se fosse a primeira vez. Como se fosse no dia em que descobri que estava apaixonado e queria que Mel fosse minha namorada. Sem dizer nada, nós caminhamos de mãos dadas pelas ruas, atraindo olhares de pessoas que certamente souberam de nossa momentânea separação.

E eu, feito um adolescente bobo, sentia meu coração bater acelerado e feliz por estar ao lado da mu-lher mais incrível que já conheci. Mel parecia iluminada, cheia de vida e energia. E eu estava tão embasbacado pela luz que parecia emanar dela que nem me dei conta de onde estávamos.

Ali... naquele lugar que era nosso. Sobre a pedra onde passávamos nossas viradas de ano. Mel parou de frente para mim e segurou minha outra mão.

—Ainda dá tempo, meu amor. Apesar de tudo pelo que passamos nesse último ano... eu tenho muito a agradecer. Nossa casa, seu crescimento e reconhecimento profissional, meu reencontro com minha tia e prima, os novos amigos que conquistei... e nosso filho, Daniel. A prova irrefutável de que nosso amor vale a pena. E eu vou lutar com unhas e dentes por ele.

Eu pisquei seguidas vezes, o coração tão acelerado que me tirava o fôlego. Engoli seco, tentando ao mesmo tempo engolir meu choro.

—E eu vou lutar ao seu lado, Mel. Eu vou ser o homem que você e nosso filho merecem.

Ela se aproximou mais e colou seu corpo no meu, colocando a mão sobre o lado esquerdo do meu peito.

—Você já é esse homem, Daniel. Você é o homem incrível que eu conheci e aprendi a admirar e amar. E sei que nosso filho terá igual sentimento. Ele vai ser louco por você, assim como a mãe dele é.

—Obrigado, Mel. — Deslizei a mão por seu rosto. —Por me entender, por estar comigo... e pela fé que você tem em mim, quando nem eu mesmo

tenho.

—Eu já disse que conheço você. Eu vi você desabar. Vi você se reerguer e lutar sem medo, sem vergonha ou preconceito por começar por baixo. Você pode achar que não, mas você é forte, Daniel. Só os fortes erram e são capazes de reconhecer os erros e batalhar para tentar, não consertar porque algumas coisas não têm conserto. Mas batalhar para recomeçar.

Eu passei os braços em volta da sua cintura e a beijei lentamente, sem pressa, apenas apreciando e matando a saudade do seu sabor, da sua maciez. Ela envolveu meu pescoço com seus braços, enfiando uma das mãos em meus cabelos. Quando nos separamos, nossas mãos tocaram o rosto um do outro e nossos olhos, refletindo todo nosso amor se encontraram.

—Mas você promete que vai me ver todos os dias? Ou eu posso ir ver você?

—Nem precisa perguntar isso. Não sei como vou conseguir ficar longe.

—Sabe o que estou pensando?

Perguntou de repente, mudando de assunto, ficando de costas para mim e olhando para o mar. Eu a abracei por trás, deixando a mão sobre seu ventre, acariciando lentamente, desejando sentir nosso bebê.

—Que na próxima virada de ano estaremos aqui novamente... com nosso filho.

Suspirei e fechei meus olhos, já imaginando a cena.

—Mal posso esperar por isso. E daqui a uns vinte anos, estaremos ainda aqui... com mais dois ou três fi-lhos.

Ela riu e colocou a mão sobre a minha em seu ventre.

—O papai está aqui, amor. Agora ficaremos bem.

Silenciosamente eu chorei com o rosto em seus cabelos. Sim, ficaríamos bem. Era muito mais que uma certeza. Era uma promessa.

Capítulo 13



Março/2009

Ainda era bem cedo, mas eu já estava de pé. Vestindo apressadamente minha roupa, eu sai do quarto e segui até a cozinha, já começando a preparar o café da manhã. Abri a janela da cozinha e espiei para fora, sorrindo ao ver que teríamos um belo dia de primavera. O jardim estava lindíssimo e eu não me cansava de apreciá-lo.

Enquanto cortava algumas laranjas, fui repassando mentalmente tudo o

que eu teria que fazer no dia de hoje. Acompanhar Mel até a Sweet, ir para o trabalho, sair um pouco mais cedo para meu encontro com a doutora Grace e logo em seguida acompanhar Mel em sua consulta de pré-natal. E mais tarde, se ela estivesse disposta, faria uma visita aos meus pais, afinal há dois dias eu não os visitava. Meu pai andou meio doente e eu sei o quanto era teimoso e relutante em obedecer às ordens médicas.

Sebastian me recebeu de braços abertos na Crowstones, mas eu percebia que ele estava pegando leve comigo e não permitindo que eu extrapolasse no trabalho como da outra vez. Eu estava trabalhando em um projeto da filial de uma grande rede de supermercados, porém eu mesmo tomava as precauções para não dar um salto maior que a perna. Em relação ao trabalho sei que estou agindo certo. Uma das principais atitudes era de não levar nada do trabalho para casa. Minha vida profissional ficava da porta para fora.

No começo, assim que voltei a trabalhar eu via a apreensão nos olhos de Mel. Aos poucos eu consegui mostrar a ela que eu estava focado em reconstruir nossa vida. E foi dessa forma que busquei ajuda da doutora Grace, psicóloga da empresa. Por mais que meus pais e Mel insistissem em dizer que eu não tinha mais que ficar me culpando, eu não conseguia. Eu ainda não conseguia me olhar no espelho e me orgulhar do que via. Eu ainda olhava para minha esposa e sentia meu peito doer insuportavelmente ao pensar em tudo o que ela sofreu durante os meses em que estive tão focado em vingança.

A terapia estava me fazendo bem, mas não o suficiente para que eu voltasse para casa. Quer dizer, eu estava com Mel em nossa antiga casa, mas dormíamos em quartos separados. Eu não me sentia merecedor de estar ao lado dela e só aceitei voltar para casa porque eu sabia que ela e nosso filho precisavam de mim. Eu não queria nem pensar se algo acontecesse a ela durante a noite, por exemplo, e ela estivesse sozinha em casa.

Todos os dias antes de sairmos para o trabalho, Mel e eu passávamos algum tempo sentados no banco do jardim, na maioria das vezes apenas curtindo a presença um do outro. Não falávamos sobre voltar para nossa casa e eu desconfio que ela esperava que eu tomasse essa iniciativa. Mas ainda não estava na hora. Nosso império, como eu disse a ela tantas vezes, era um

lugar sagrado para mim.

E para ser sincero, eu estava gostando daquelas manhãs de primavera ao lado dela. Era como se voltássemos no tempo, para a época em que apenas namorávamos deitados na rede. Eu sempre preferi o outono por ser a estação do ano em que encontrei o me-lhor da minha vida que era Mel. Mas também passei a apreciar o inverno porque era a época em que Mel se enroscava em mim, me provocando com seus pés gelados.

Eu realmente nunca tinha parado para pensar na beleza da primavera. E agora também era algo que me agradava muito. E não era apenas pelas manhãs admirando Mel cercada pelas flores. Era porque marcava um recomeço para mim. Ou melhor, um reencontro. Um reencontro entre o Daniel no qual me transformei e o Daniel que sempre fui. A verdade é que os dois eram um só, com seus defeitos e qualidades, erros e acertos. Eu acredito que estava chegando aonde eu queria e precisava estar.

—Ainda é tão cedo, amor.

Eu girei imediatamente ao ouvir a voz sonolenta. Mel estava parada à porta da cozinha, os cabelos revoltos e os olhos quase fechados de sono. Deixei meu olhar percorrer seu corpo vestido em um pijama curto de malha. Parei em seu ventre e instantaneamente um sorriso se formou em meus lábios. Quando a gravidez ainda era apenas um sonho, eu tentei imaginar como Mel ficaria. Minha imaginação nunca chegou perto da beleza que eu via todos os dias.

Linda... incrivelmente linda. Seus olhos, sua pele, tudo nela brilhava. E aquela barriga... meu Deus. Era a coisa mais linda e perfeita que já vi na vida. Faltavam agora três meses para o nosso bebê vir ao mundo. Apenas uma coisa me entristecia, embora eu soubesse o motivo. Eu nunca senti nosso filho se mexer. Várias vezes Mel dizia que ele estava se mexendo e rapidamente puxava minha mão e colocava em seu ventre. Nada. Como se sentisse que era o meu toque, ele não se mexia.

Estava claro para mim. Eu não estava errado, afinal. Eu ainda não era merecedor de nenhum dos dois.

—Desculpe. Acordei você?

—Claro que não, seu bobo. Eu levantei para ir ao banheiro e vi que a porta do quarto estava aberta e você não estava lá.

—Dormimos cedo ontem, esqueceu? Estou descansado. Mas por que não volta para cama?

Ela se aproximou de mim e parou à minha frente, fazendo minha pulsação acelerar. Eu a queria tanto!

—Então venha comigo.

—Mel...

—Pare com isso, por favor. Sabe o quanto é difícil ficar sem você? Ter você tão perto e ao mesmo tempo tão longe? Daniel... — Ela balançou a cabeça e algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto. — Eu amo tanto você. Por que não consegue enxergar o quanto me faz bem ter você comigo? Não se envergonhe de si mesmo... não há motivo.

—Você não entende? Eu me sinto tão mal toda vez que penso no quanto fiz você sofrer. Eu não me perdoei.

—Então se perdoe, droga. Porque eu perdoei. Toda a felicidade que você me proporcionou durante todo o tempo em que nos conhecemos apaga a única vez em que você errou comigo. Eu... oh...

Ela se curvou um pouco e colocou a mão sobre o ventre.

—O que foi?

Perguntei preocupado, mas ela sorriu pegando minha mão e colocando exatamente onde estava a dela.

—Ele está acordando.

Ansioso, eu esperei... esperei... e nada. Por fim eu tirei a mão, tentando disfarçar minha tristeza.

—Daniel...

—Não vê? Até ele sabe que eu ainda não sou digno de vocês. Que eu...

—Que você é um idiota. — Ela gritou e me empurrou, novamente com lágrimas descendo pelo seu rosto. —Que você só está procurando um motivo para se punir. Mas a verdade é que você não quer mais ter que se preocupar em não me magoar. Então você foge, corre de mim. E eu estou cansada de implorar para que você aceite o meu amor. Você desejava um filho. E um filho é uma dádiva. Deus não lhe daria isso se você não merecesse. Você... inferno.

Ela se afastou apressada, apesar de mais lenta por causa da barriga. Por instantes eu permaneci paralisado, sentindo aquelas palavras ferroando minha mente. Mas o que me deixou mais desesperado foi ver que mais uma vez eu a estava fazendo sofrer.

—Droga.

Eu corri atrás dela e cheguei no quarto no momento em que ela se deitava na cama. Sem pensar, eu me deitei ao lado dela e a puxei para os meus braços.

—Perdão, amor... por favor. Não chore.

—Estou cansada. Cansada de ser forte. Cansada de ficar esperando por algo que nunca vem e talvez nunca virá. Você não sente a minha falta?

—Claro que sinto. Eu só quero estar... limpo para você.

—Você, Daniel, é o homem mais corajoso, mais honesto, mais íntegro e fiel que eu já conheci na vida. Por Deus, entenda que um erro não muda quem você é!

Eu me lembrei das palavras da doutora Grace: Um erro não diz tudo sobre quem você é. Você magoou as pessoas? Sim. Não há nada do que se envergonhar. Nós magoamos as pessoas o tempo todo, ainda que sem intenção. E pior que muitas vezes nem percebemos que magoamos. Você

sabe o que fez e se arrepende. Disso você tem que se orgulhar. Nem todos tem a hombridade de reconhecer seus erros.

Eu não respondi. Minha atenção estava toda voltada para o rosto manchado pelas lágrimas. Eu sentia o amor palpitando entre nós. Lentamente eu aproximei minha cabeça até roçar meus lábios nos dela. Mel suspirou e se agarrou aos meus cabelos, me puxando para cima de seu corpo.

—Calma, amor. Não quero machucar vocês.

—Você não vai. É incapaz disso. Apenas me ame.

Eu não pude mais me conter. Eu já tinha resistido demais ao amor e paixão que sentia por minha mu-lher. Eu tremia enquanto a despia, e me sentia exatamente como da primeira vez. Eu beijei cada parte de seu corpo. Eu a reverenciei... idolatrei. E a amei como jamais fiz. Suas unhas castigavam meu corpo e isso me enlouquecia. Mas em momento algum deixei de pensar em seu bem-estar, por isso a coloquei sobre mim e foi assim que me perdi, me apaixonei ainda mais... e me reencontrei.

Era a imagem perfeita sobre mim, recebendo meu amor e doando o seu. E eu queria desesperadamente tudo aquilo de volta. Aquela conexão que acontecia agora, aquela junção que não era apenas de nossos corpos. Depois do êxtase, eu a ajudei a se deitar de lado na cama e fiz o mesmo, unindo nossas mãos.

—Desculpe por ter gritado com você.

—Esqueça isso. Agora só quero curtir você, Mel.

—É uma pena que daqui a pouco...

Eu a calei com um beijo.

—Daqui a pouco nada. Daqui a pouco ligo para Sebastian e Juan. Ficaremos os dois em casa pela manhã.

Ela acariciou meu rosto, olhando em meus olhos.

—Você é o homem da minha vida.

—Você é minha própria vida.

Ela se aninhou em meus braços e eu repousei minha mão sobre seu ventre. Eu me sentia leve, em paz... de volta ao meu lugar favorito. Nos braços da minha esposa, da minha amiga, da minha companheira da vida toda.

∞∞∞∞

Estávamos indecisos. Mel e eu nos olhávamos, tentando chegar a uma conclusão. Ela estava sobre a mesa do consultório e tentávamos nos decidir entre saber ou não o sexo do nosso bebê. A surpresa seria interessante, mas a expectativa estava me deixando inquieto.

—E então? Vão querer saber?

Como se tivéssemos chegado a um consenso há muito tempo, Mel e eu respondemos ao mesmo tempo sem titubear.

—Sim.

—Pois então... parabéns, papais. O bebê de vocês é saudável, forte. Digam olá para a garotinha de vocês.

—Oh meu Deus...

Mel exclamou emocionada e eu só consegui olhar embevecido para sua barriga. Uma garotinha. Uma menininha linda e adorável como a mãe. Sem me importar com o gel sobre a barriga e quase empurrando a mão da médica, eu fiquei de pé e me inclinei sobre a barriga de Mel, distribuindo beijos, acariciando, sem conseguir segurar meu choro.

—Minha garotinha... minha princesinha linda. O papai te ama tanto, meu amor. Mal posso esperar para pegar você em meus braços. Eu... oh...

Eu me levantei subitamente, os olhos arregalados, mas sem tirar a mão da barriga de Mel. Meu coração parecia querer saltar de dentro do peito, batendo tão forte que me deixava sem ar.

—Daniel... você está sentindo?

Eu remexi a cabeça, incapaz de falar por causa do meu choro. Pela primeira vez eu sentia a maravilha que era minha filha se mostrando, se mexendo sem parar como se desse vigorosos chutes. Eu deslizava a mão pela barriga de Mel e era como se ela respondesse ao meu toque, se mexendo exatamente onde estava minha mão.

—Vou deixá-los a sós por uns instantes.

Mal dei atenção à médica. A emoção era indescritível. Algo tão forte e bonito que eu não conseguia dizer nada, apenas chorava. Mel colocou a mão sobre a minha.

—Isso, meu anjo, mostre ao papai o quanto você o ama. Mostre o quanto precisamos dele ao nosso lado.

Eu me inclinei novamente e beijei onde eu sentia um pequeno ovo se mexendo. Eu ri, com a felicidade explodindo dentro de mim.

—Amor... — Mel falou acariciando meu cabelo. — Eu acho que já está na hora de nossa princesa conhecer seu império.

Ergui a cabeça para mergulhar naqueles olhos que eu tanto amava.

—Não quero mais viver só das lembranças do outono quando nos conhecemos. Não quero mais passar as noites de inverno sozinha, sem o seu calor. Não quero a incerteza da primavera, apesar de toda sua beleza. Eu quero todas as estações com você, Daniel. Eu quero cada segundo da minha vida ao seu lado... e da nossa princesa. Vamos voltar para a nossa casa. A casa que você, meu homem, ergueu sozinho, mostrando o grande homem que você é.

Continua em Livro IV - Dias de verão.

Lançamento em
20/12/2018